

Introdução

Por que esta Bíblia é diferente das outras? Por ser a única versão em português de estilo e apresentação completamente judaicos, abrangendo o *Tanakh* (“Antigo Testamento”) e a *B’rit Hadashah* (Nova Aliança, “Novo Testamento”). Até mesmo seu título — *Bíblia Judaica Completa* — constitui um desafio para judeus e cristãos perceberem que a Bíblia é integralmente judaica — tanto a *B’rit Hadashah* quanto o *Tanakh*. Os judeus são instigados a considerar que o *Tanakh* sem a *B’rit Hadashah* é uma Bíblia incompleta. Os cristãos são despertados para o fato de terem se unido ao povo judeu por meio da fé no Messias judeu, Yeshua (Jesus) — e pelo fato de o cristianismo ser entendido corretamente apenas sob a perspectiva judaica, o antisemitismo é condenado de modo absoluto e definitivo. Em suma, a *Bíblia Judaica Completa* restaura a unidade judaica da Bíblia. E, pela primeira vez, as informações necessárias para a leitura da *Torah* e dos Profetas encontram-se completamente integradas ao uso similar da *B’rit Hadashah*.

1. A origem da *Bíblia Judaica Completa*

Algumas informações a respeito da trajetória da *Bíblia Judaica Completa* darão ao leitor alguns lampejos de sua existência. As introduções bíblicas são geralmente mais formais, evitando-se o uso do pronome pessoal da primeira pessoa no singular, dada a seriedade que a Escritura parece invocar — uma introdução formal reforça a autoridade da própria Bíblia. Além do mais, a Escritura é a Palavra de Deus para a humanidade, a única forma de comunicação verbal fidedigna outorgada por Deus a nós. Ela é merecedora de aceitação, fé e confiança; trata-se do manual divino no tocante às questões de fé e prática.¹ Em decorrência disso, o autor da introdução à *Bíblia Judaica Completa* assume necessariamente uma grave responsabilidade — nela, a informalidade e a atenção pessoal parecem deslocadas.

No entanto, existe outra faceta: justamente pelo fato de a Bíblia lidar com tópicos tão sérios quanto pecado, juízo, vontade de Deus, arrependimento e perdão, bem como a importância da vida e da história de Yeshua, o Messias (a quem os cristãos chamam Jesus Cristo), os leitores das traduções tendem ao esquecimento da existência de uma reação humana bastante específica, que não procede dos tempos bíblicos, que possibilita e barra a compreensão das Escrituras: o tradutor. O estilo que escolhi para a Introdução, especialmente das seções 1 e 2, procede do meu profundo desejo de explicar bem o papel do tradutor desta versão bíblica e das demais. Na sequência, lidarei com o conteúdo da própria Bíblia (seções 3 e 4), com as características específicas da *Bíblia Judaica Completa* (seções 9 a 14) e sobre como obter o melhor proveito desta versão (seções 15 a 17). Contudo, apresentarei aqui a trajetória do tradutor.

Sou judeu; fui criado na religião judaica por pais judeus. Apenas aos 37 anos de idade passei a crer no Messias judeu, Yeshua. Por ser judeu messiânico (um judeu que reverencia Yeshua como o Messias), percebi que o maior cisma é o existente entre a igreja e o povo judeu. Passei a considerar essa percepção, e o que fazer para resolvê-la, como a vontade de Deus para minha vida — essa seria minha contribuição para o *tikkun-ha’olam* (restauração do mundo). Apesar de meu doutorado ser na área da economia, voltei aos bancos escolares para aprender

¹ Para uma breve explicação e defesa dessas afirmações, consulte a seção 6 a seguir.

mais a respeito do cristianismo (no Fuller Theological Seminary) e do judaísmo (na University of Judaism).

Mais preparado, comecei a escrever, em 1977, um comentário judaico messiânico sobre o Novo Testamento; desejava produzir um único livro que lidasse com todas as “questões judaicas” que percebia no Novo Testamento — perguntas que os judeus fazem a respeito de Yeshua, do Novo Testamento, e cristianismo; questões dos cristãos a respeito do judaísmo e das raízes judaicas de sua fé; e perguntas que nós, judeus messiânicos, temos sobre nossa identidade e papel à luz de dois mil anos de separação e conflito entre a igreja e os judeus. No entanto, percebi, de imediato, que boa parte do que estava escrevendo consistia em discordâncias com o tradutor da versão bíblica inglesa que eu usava, de modo geral encontradas assim: “Nossa versão inglesa diz: “tal e tal”, mas o texto significa de fato: “assim e assim”. Por isso, ocorreu-me a ideia de preparar minha tradução do Novo Testamento a partir do texto grego original; evidentemente, eu deveria possuir uma versão com a qual concordasse, podendo, assim, concentrar-me de forma total no ponto em análise. Fiz um teste e fiquei muito contente com o resultado. Assim nasceu o *Novo Testamento Judaico (NTJ)*, publicado em 1989.

Passsei os três anos seguintes finalizando o *Comentário Judaico do Novo Testamento*. Enquanto isso, o *NTJ* foi muito bem recebido pelos judeus messiânicos e pelos cristãos abertos a experimentar o caráter judaico de sua fé. A tradução da Bíblia pode não ser reconhecida como uma profissão encantadora, mas angariei alguns admiradores. Eles afirmaram seu apreço pela reintrodução da judaicidade no Novo Testamento e pelo estilo “informal, porém respeitoso” de escrever, e perguntavam-me com certa regularidade: “Quando o Antigo Testamento ficará pronto?”. Eles desejavam possuir um único volume que contivesse a Bíblia toda e que pudesse ser levado às reuniões congregacionais em lugar de levar o *Novo Testamento Judaico* e mais outro volume contendo o *Tanakh*.

Deixei essa questão de lado por mais três anos, antes de, finalmente, dedicar-me ao que parecia inevitável: comecei a trabalhar no projeto. Esse atraso foi ocasionado pela falta de incentivo. Ao traduzir o *Novo Testamento Judaico*, senti o desejo forte e específico de mostrar a todos, judeus e cristãos, que o Novo Testamento é integralmente um livro judeu. Não senti, porém, a mesma motivação em relação ao Antigo Testamento — todos sabem tratar-se de um livro judeu —, o que haveria para provar? Além disso, já na casa dos 60 anos, não era meu desejo passar muitos anos mais realizando uma tradução do texto hebraico original. Ainda que eu viva em Israel e fale hebraico desde 1979, sei, pela observação de meus filhos, que meu nível de domínio da língua era aproximadamente igual ao de um falante nativo de hebraico do ensino médio. Por isso, com certeza, eu não possuía nenhuma habilidade especial em relação ao hebraico bíblico que justificasse minha tentativa de traduzir o *Tanakh*.

Por isso, dediquei-me a uma tarefa mais simples. Inicialmente, pensei em adquirir os direitos de alguma tradução moderna do *Tanakh* de estilo compatível com o estilo usado por mim no *NTJ*. Eu não conseguia imaginar como o detentor dos direitos de qualquer versão inglesa do *Tanakh* me daria permissão para reuni-la ao Novo Testamento, em um único volume, com o título que lhe pretendia dar; por isso, passei a procurar por prováveis candidatos entre as versões cristãs. Minha primeira opção foi rechaçada pelos detentores dos direitos autorais, mas o número dois da lista aceitou a proposta. No entanto, quando estava pronto para seguir em frente, percebi que, se o projeto recebesse o título de *Bíblia Judaica Completa*, eu não poderia usar nenhuma versão cristã do Antigo Testamento, pois os cristãos modificaram

o texto massorético (o texto hebraico do *Tanakh* aceito pelo judaísmo) com as informações obtidas da *Septuaginta* e de outras versões antigas.² A alegria deu lugar à tristeza. Ocorreu-me, de repente, que os direitos autorais da antiga versão do *Tanakh* da Jewish Publication Society (JPS), talvez a mais conhecida e mais usada tradução judaica do mundo anglófono, havia passado recentemente para domínio público — sua publicação datava de 1917, e os direitos expiram após setenta e cinco anos. No entanto, apesar de ter sido publicada em 1917, por vários motivos sociológicos, ela soava como se tivesse sido escrita em 1617! Ela reverberava a linguagem da tradução do rei Tiago (*King James Version*) e era totalmente incompatível com o inglês moderno que usei no *NTJ*.

Escaneei o texto da JPS com o objetivo de modernizar sua linguagem por meio de comandos simples de “busca e troca” do programa de edição de texto. Desejava, por meio da digitação de umas poucas teclas, ter cada ocorrência de “tu” transformada em “você”, “Abraão” em “Avraham” e “Isaque” em “Yitz’chak”. O andamento do projeto não se mostrou tão simples assim. Não só as palavras, mas também as estruturas das frases eram arcaicas. Quanto mais eu interagía com o texto da JPS, maior tornava-se minha insatisfação. O projeto assemelhava-se à tentativa de reformar um carro velho com muitos amassamentos. Consertam-se os três primeiros, e surge o quarto, o quinto e o sexto. Faça os primeiros reparos e os amassamentos de número sete, oito, nove e dez chamam sua atenção. Por fim, pode-se desamassar as maiores marcas, mas fica-se com um carro com milhares de pequenas marcas, por isso a aparência não é agradável.

Assim, decidi parafrasear, no inglês moderno, todo o texto do *Tanakh* da JPS, redigitando-o, para decidir como expressar cada palavra, expressão e verso. Apesar de ser um grande projeto, considerei-o menos rigoroso que uma tradução. E esta versão do *Tanakh* veio à existência desse modo.

Entretanto, questionei em vários pontos a versão da JPS. Nesses casos, eu mesmo traduzi o hebraico do texto massorético. Utilizei também outras versões inglesas para me ajudarem com certas expressões no inglês moderno. Todos os tradutores bíblicos procedem dessa forma — mesmo as pessoas que compuseram a versão do rei Tiago (*King James Version*), ao reconhecerem o débito para com seus predecessores com o famoso subtítulo: “e diligentemente comparada e revista de acordo com as traduções anteriores”. Por isso, o *Tanakh* encontrado neste volume está posicionado entre a tradução e a paráfrase; ele é parcialmente as duas coisas; recuso-me a defini-lo como pertencente a qualquer uma dessas classes; em vez disso, chamo-o somente de “versão”. Já os livros da Nova Aliança foram traduzidos por mim do original grego.

2. Traduções e tradutores

Acaso existe algo semelhante à “melhor” tradução da Bíblia? Sobre a questão do processo de tradução e/ou paráfrase, desejo fazer algumas observações de caráter geral, destacando as que dizem respeito a traduções. Em primeiro lugar, é comum a crença na existência de algo semelhante à “melhor” tradução de um texto de uma língua para outra. Eu questiono essa afirmação. As línguas possuem vocábulos, sintaxes, estruturas frasais, semântica e culturas diferentes, a partir de onde elas surgem e evoluem, além de muitas outras diferenças; portanto, a tradução não pode ser um processo simples e automático. Além disso, os leitores são

² V. seção 8.

diferentes. Alguns preferem o estilo simples e o vocabulário modesto, ao passo que outros reagem melhor ao estilo mais elegante ou complexo, com o vocabulário mais amplo. Mesmo o conceito de precisão depende do leitor — o que os acadêmicos podem considerar uma tradução precisa pode ser falha na comunicação acurada aos leitores menos instruídos. Caso os tradutores não consigam identificar o público-alvo, não serão eles os responsáveis pela falha na comunicação? É claro que existem, segundo padrões razoáveis, traduções piores, e outras são consideradas melhores. No entanto, dada a diversidade dos leitores, nenhuma versão pode ser considerada “a melhor”.

Traduções e propósitos. Portanto, deve-se perguntar: “Qual o propósito de determinada tradução? Ela alcança esse propósito?”. Em inglês, a *King James Version* possui linguagem de beleza incomparável; além disso, a língua inglesa não seria o que é hoje sem ela. Hoje, porém, nem todas as pessoas são capazes de extrair sentido de suas expressões arcaicas e, com o progresso dos estudos históricos, arqueológicos e linguísticos, alguns acadêmicos creem que algumas de suas traduções são imprecisas. A mais nova versão do *Tanakh* da JPS, de 1985, é particularmente útil para destacar expressões em que o original hebraico não é muito claro (no entanto, não apresento essas informações em meu trabalho). A *Today's English Version* (também conhecida por “Good News Bible”), produzida pelas Sociedades Bíblicas Unidas, usa um vocabulário limitado para que os falantes do inglês como segunda língua possam compreendê-la. A *New English Bible* soa como a obra dos grandes escritores ingleses — Shakespeare, Milton —, o que a torna ideal para ser lida em igrejas anglicanas. A tradução recente da *Torah*, feita por Everett Fox,³ é única pela manutenção do estilo e da estrutura do pensamento hebraico, bem como da cultura dos tempos bíblicos. *The Living Bible*, originariamente preparada por Ken Taylor para seus filhos adolescentes, possui, pelo menos para os jovens americanos, energia e presença incomparáveis. Provavelmente, nenhuma dessas versões poderia servir, ao mesmo tempo, a todos esses propósitos. A beleza da Palavra de Deus encontra-se no fato de poder ser traduzida de formas diversas para servir a esses propósitos e a outros mais sem obscurecer-lhe o propósito original — mostrar às pessoas a verdade a respeito de Deus, de si mesmas, dos relacionamentos e do significado da vida, e instigar as pessoas à resposta adequada e necessária.

Propósitos desta versão bíblica. Por isso, passo a declarar a meus leitores os propósitos da *Bíblia Judaica Completa (BJC)*.

1. Meu primeiro propósito é, como afirmei, restaurar a judaicidade unificada da Bíblia; de modo especial, mostrar que os livros da Nova Aliança são totalmente judeus.
2. O segundo propósito da *Bíblia Judaica Completa* é apresentar a Palavra de Deus — o *Tanakh* e a *B'rit Hadashah* juntos — em português moderno e agradável. Desejo que esta Bíblia seja acessível e de fácil leitura, e que flua com facilidade da página para a mente e o coração, livre ao máximo das diferenças entre o ambiente original da Bíblia e do tempo presente.

³ **The Five Books of Moses: A New English Translation with Commentary and Notes.** [S.l.]: Shoken Books, 1995. [N. do T.]

3. O terceiro propósito é possibilitar o uso da *BJC* em sinagogas messiânicas, onde a *B'rit Hadashah* possa ser lida nos serviços religiosos com a *Torah* e os Profetas. (A *BJC* pode ser usada também para o acompanhamento das leituras em sinagogas não messiânicas.)
4. Por fim, apresento a meus admiradores o que eles me pediam há muito — um único volume contendo minha versão da Bíblia toda.

Com tudo o que já afirmei, surgem três questões relativas à filosofia da tradução que precisam ser respondidas: 1) Equivalência formal *versus* dinâmica (“traduções literais” *versus* “paráfrases”); 2) O grau em que a interpretação do texto dada pelo tradutor deve interferir na tradução; e 3) As vantagens e desvantagens de uma versão produzida por um único indivíduo em contraste com a produzida por uma equipe de tradução.

“Traduções literais” *versus* “paráfrases”. Existe uma escala de medição das traduções. Em um lado da escala, estão as traduções “literais”, que reproduzem na língua receptora (português) as formas gramaticais da língua-fonte (hebraico, aramaico e grego); os tradutores as denominam “traduções de equivalência formal”. As versões *Almeida Revista e Atualizada (ARA)*, *Almeida Revista e Corrigida (ARC)*, *Almeida Edição Contemporânea (AEC)*, *Edição Corrigida e Revisada Fiel (Fiel)* e *Almeida Século 21 (A21)* da tradução multissecular de João Ferreira de Almeida e a *Tradução Brasileira* são exemplos delas. Versões interlineares, que apresentam o texto grego palavra por palavra, são traduções literais por excelência, como o *Novo Testamento Interlinear* (tanto da Sociedade Bíblica do Brasil quanto da Editora Cultura Cristã). No outro extremo da escala, encontram-se as “traduções de equivalência dinâmica”, que objetivam reproduzir na língua receptora o significado compreendido pelos leitores originais sem, entretanto, transpor as formas gramaticais da língua-fonte. Estas são popularmente denominadas “paráfrases”, ainda que o termo deva ser reservado para documentos nos quais a língua-fonte e a língua-receptora são as mesmas. A *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, a *Bíblia Viva*, a *Versão Fácil de Ler* e *Cartas para Hoje* são exemplos desse tipo de tradução. A *Nova Versão Internacional (NVI)*, *A Torá Viva* e *Torá — A Lei de Moisés* encontram-se em algum ponto entre os dois extremos.

Nessa escala, a *Bíblia Judaica Completa* localiza-se mais próxima do extremo da equivalência dinâmica. Em pontos específicos, relacionados à sua judaicidade, ela assim procede de forma militante. Por exemplo, a expressão grega *hypo nomon* (lit., “sob lei”) é geralmente vertida “sob a Lei”. Entretanto, pelo fato de essa tradução ter sido usada para amparar a teologia cristã anti-*Torah*, o *Novo Testamento Judaico* e também a *Bíblia Judaica Completa* explicam o significado dessas duas palavras gregas mediante 11 palavras na língua portuguesa: “em sujeição ao sistema resultante da perversão da *Torah* em legalismo”.⁴

O tradutor e suas interpretações. Esse exemplo suscita a questão: o tradutor deve “injetar suas opiniões” na própria tradução? Respondo de forma afirmativa e cautelosa, dada sua inevitabilidade, ainda que o tradutor deseje “manter-se neutro”, ao meramente canalizar ideias da língua-fonte para a língua receptora sem influenciar o resultado, iludindo a si mesmo e a

⁴ V. mais sobre este tópico na seção 8 a seguir.

seus leitores. Necessariamente, toda tomada de decisão sobre a versão de qualquer palavra ou expressão de outra língua em português exprime a opinião do tradutor. O tradutor ideologicamente comprometido com a não intrusão de suas opiniões assim procede a despeito de si mesmo, todavia sem assumir a responsabilidade pelo ato.

Portanto, o tradutor deve decidir (opinião pessoal) o significado do vocábulo, ou da expressão, e como vertê-lo da maneira mais clara possível. Por exemplo, no caso de *hypo nomon*,⁵ precisamente pelo fato de significados equivocados terem sido usados no passado, considero responsabilidade pessoal verter o que creio ser o significado correto e único da expressão da forma mais inequívoca. Mesmo quando uma expressão soa vaga, passível de mais de uma interpretação, o tradutor não deve transferir a ambiguidade para o português, mas decidir-se a favor de *uma* das possíveis interpretações e mantê-la. Nas edições que fornecem leituras alternativas, as ambiguidades podem ser discutidas em notas marginais. Esta edição age um pouco dessa forma, mas bem pouco; esse não é um de nossos principais propósitos. O comentário é o local correto para lidar de modo mais pleno com essas questões e esse é um de meus propósitos expressos no *Jewish New Testament Commentary*.

Contudo, tal abordagem pode sofrer abusos. Por isso, deve-se destacar que o fato de as opiniões pessoais do tradutor serem, necessariamente, refletidas na tradução não significa anuência com a extrapolação de seu papel para arrebancar, ilegitimamente, seus leitores para a adoção de um posicionamento sectário.

Por ser esta a minha filosofia e regra de conduta no trabalho, informo, de antemão, aos leitores que desejarem verificar se uma palavra ou frase significa o que lhe atribui a *BJC*, que procurem outras versões, usem concordâncias e demais auxílios bíblicos e que se dirijam aos originais em hebraico, aramaico e grego. Esperar que a *BJC* verta com perfeição cada palavra e expressão da Bíblia é pedir muito mais que aquilo que qualquer tradução pode fazer.

Apenas um tradutor *versus* a equipe de tradução. Algumas pessoas perguntaram se não seria melhor que uma equipe de tradução produzisse o *Novo Testamento Judaico*, e é claro que a mesma pergunta pode ser feita com referência ao *Tanakh* da *BJC*. Minha resposta toma por base os recursos humanos e financeiros disponíveis. Com certeza, as melhores traduções bíblicas foram produzidas por equipes de tradução, incluindo a *King James Version*, a *Revised Standard Version*, a *New International Version*, as duas versões da *JPS* e muitas outras. Segundo a tradição, mesmo a primeira tradução do *Tanakh* para o grego, chamada *Septuaginta*, foi produzida por um grupo de setenta pessoas (daí seu nome latino, que significa “setenta”), no terceiro século a.e.c.⁶ A equipe possibilita a revisão para tornar exequível o debate de textos difíceis e o controle do estilo; ao passo que um único tradutor pode surgir com um produto mais coeso (desde que ele se lembre, é claro, da forma em que traduziu passagens similares). Com franqueza, admito que a equipe teria realizado um trabalho mais apurado; entretanto, fiz o melhor que pude. Espero que os leitores não se desapontem.⁷

⁵ Discutido anteriormente e na seção 6.

⁶ A abreviatura “a.e.c.” significa “antes da era comum”; “e.c.” significa “era comum”. A literatura judaica moderna usa essas abreviaturas em lugar de “a.C.” e “d.C.”.

⁷ Mais informações a respeito dos textos das línguas originais usados na *BJC* podem ser encontradas na seção 8.

3. A Bíblia

A mensagem central da Bíblia. Ao falar sobre Deus, Yisra'el, o povo, e o Messias, Yeshua, o tema recorrente da Bíblia é a necessidade de salvação do ser humano e da provisão divina nesse sentido. O propósito da vida e o significado da História é que Deus libertará a humanidade da miséria do pecado e restaurará as condições favoráveis para que indivíduos e nações se relacionem corretamente com ele. Moralidade e felicidade estão inseparavelmente ligadas à salvação.

O *Tanakh*. De acordo com o *Tanakh*,⁸ Deus criou os seres humanos à sua imagem para que tivessem comunhão íntima, amorosa e obediente com ele.⁹ Entretanto, a humanidade se rebelou, escolheu o próprio caminho em lugar do apontado por Deus¹⁰ — e ainda age assim.¹¹ O nome dessa rebelião é pecado, e a penalidade pelo pecado é a morte¹² — não somente a cessação da vida física, mas a separação eterna de Deus.¹³ Contudo, Deus, misericordioso e justo, deseja salvar os seres humanos do que eles receberam e mereceram. Com este fim, Deus escolheu uma pessoa, Avraham, e por meio dele deu início a um povo, os judeus, comissionando-os a “ser uma bênção” e “uma luz para as nações”.¹⁴ Por intermédio de Mosheh, ele outorgou a *Torah* (lit. “ensino” ou “instrução”, apesar de ser muitas vezes traduzida por “lei”), tornando conhecidos seus padrões de justiça. Mediante juízes, reis e profetas, Deus encorajou, disciplinou e prometeu a seu povo que a salvação final viria até ele e a outros povos por meio do “Ungido” (hebraico *mashiach*, português *messias*, que possui o mesmo significado do grego *christos*).

A *B'rit Hadashah* e Yeshua. Na continuação dessa crônica, os livros da Nova Aliança proclamam que o Messias de Yisra'el, profetizado no *Tanakh*, é Yeshua, uma pessoa histórica e real que, como outras, nasceu, viveu e morreu. Entretanto, diferentemente das demais, ele não teve pai humano e nasceu de uma virgem chamada Miryam (Maria). Também, de modo diverso das outras pessoas, ele não morreu porque sua vida simplesmente chegou ao fim ou por causa de pecados pessoais (ele nunca pecou), mas com o objetivo de salvar-nos de nossos pecados. Além disso, ele ressuscitou dos mortos, encontra-se vivo agora “à destra de Deus”,¹⁵ e virá pela segunda vez para governar como o Rei de Yisra'el e trazer paz ao mundo todo. Ao explicar a característica exclusiva de sua qualificação para ser o sacrifício final pelos pecados, a *B'rit Hadashah* o denomina Filho do Homem e Filho de Deus. A primeira expressão, retirada do *Tanakh*,¹⁶ significa que ele é o homem ideal e perfeito, sem pecado, “um cordeiro sem culpa”.¹⁷ Pelo fato de não ter a obrigação de entregar a própria vida por causa de seus pecados, ele é “O cordeiro de

⁸ A palavra *Tanakh* é um acrônimo composto das iniciais das três principais divisões da Bíblia hebraica: *Torah* (a “Lei”, Pentateuco), *Nevi'im* (Profetas) e *K'tuvim* (Escritos).

⁹ *B'reshit* [Gn] 1.26–2.25

¹⁰ *B'reshit* [Gn] 3.1–19

¹¹ *M'lakhim Alef* [1Rs] 8.46; *Kohelet* [Ec] 7.20; Romanos 3.23

¹² *B'reshit* [Gn] 2.17; 5.5; Romanos 6.23

¹³ *B'reshit* [Gn] 3.22–24; *Yesh'a'yahu* [Is] 59.1,2

¹⁴ *B'reshit* [Gn] 12.1–3; *Yesh'a'yahu* [Is] 49.6

¹⁵ *Tehillim* [Sl] 110.1; Atos 7.56 e por toda a carta endereçada aos Judeus messiânicos [Hb].

¹⁶ *Dani'el* [Dn] 7.13

¹⁷ *Sh'mot* [Êx] 12.5; *Vayikra* [Lv] 1–6; *1Kefa* [1Pe] 1.19

Deus. Aquele que tira o pecado do mundo!”¹⁸ A segunda expressão, aludida no *Tanakh*,¹⁹ significa que “nele habita, corporalmente, a plenitude do que Deus é”,²⁰ de forma que somente ele é capaz de expressar o amor divino pela humanidade.²¹

A comunidade messiânica. A *B'rit Hadashah* também descreve os acontecimentos formativos entre os primeiros seguidores judeus e gentios de Yeshua e explica como essa nova comunidade messiânica ou “igreja” se relaciona com o povo judeu. Diferentemente de muitas variantes da teologia cristã, a *B'rit Hadashah* não afirma que a comunidade messiânica substituiu os judeus como povo de Deus. Tampouco diz que a comunidade messiânica coexiste com os judeus na condição de segundo povo eterno de Deus, com destino e promessa separados. Ao contrário, o relacionamento é mais complexo: os gentios foram enxertados como “ramos de oliveira selvagem” na “oliveira cultivada” dos judeus, da qual alguns ramos “foram cortados”, mas que, um dia, serão “enxertados novamente”, para que, no fim, “todo o Yisra'el seja salvo”.²² Portanto, os judeus não são, como muitos cristãos pensam, e muitos judeus temem, um povo aniquilado mediante a “absorção pela igreja”. Ao contrário, como *Yirmeyahu* (Jeremias) declara — na mesma passagem do anúncio de que Deus estabelecerá uma Nova Aliança com a casa de Yisra'el e com a casa de Y'hudah —, os judeus permanecerão para sempre como povo de Deus, enquanto houver sol, lua e estrelas para iluminar a terra.²³ No entanto, os judeus se tornarão um povo que honra o Messias em quem puseram a esperança e esperaram por tanto tempo: Yeshua. Sobre essa base haverá a restauração da unidade entre a comunidade messiânica e o povo judeu e o grande cisma terá sido desfeito.

Alcance desse conceito. O conceito bíblico de salvação é individual e coletivo, de forma que o *Tanakh* e a *B'rit Hadashah* versam sobre uma grande gama de atividades humanas — vida familiar, luta de classes, preocupações sociais, comércio, agricultura, meio ambiente, identidade nacional, governo, justiça, arrependimento, perdão, relacionamentos interpessoais, identidade pessoal, questões de gênero, adoração, oração, saúde física, bem-estar emocional, vida espiritual, morte, pós-morte e juízo final. Em todas essas áreas, a Bíblia nos informa que a resposta correta às iniciativas divinas trará salvação a todas as áreas de nossa vida — individual, social, comunal, nacional e universalmente.

Alianças (ou Testamentos): a antiga e a nova. Os cristãos chamam o *Tanakh* de Antigo Testamento e a *B'rit Hadashah*, de Novo Testamento. No entanto, o vocábulo português “Testamento” reflete uma tensão entre o hebraico, língua do *Tanakh*, e o grego, idioma da *B'rit Hadashah*. A palavra hebraica *b'rit* significa “aliança, contrato”. O vocábulo grego equivalente a *aliança* ou *b'rit* é *diatheke*. Entretanto, *diatheke* também pode significar “testamento”, no sentido de “vontade”.²⁴ A expressão hebraica *b'rit hadashah* pode ser traduzida apenas por “nova aliança”, mas as palavras gregas equivalentes também podem ser vertidas como “novo testamento” —, e, geralmente, o

¹⁸ *Yochanan* [Jo] 1.29,36

¹⁹ *Yeshayahu* [Is] 9.5-7; *Z'kharyah* [Zc] 12.10; *Tehillim* [Sl] 2.7; *Mishlei* [Pv] 30.4

²⁰ *Mattityahu* [Mt] 1.18-23; Colossenses 2.9

²¹ *Yochanan* [Jo] 3.16

²² Romanos 11.16-26

²³ *Yirmeyahu* [Jr] 31.30-36 (31-37)

²⁴ Judeus messiânicos [Hb] 9.16,17 (o texto grego faz um jogo com o sentido duplo).

são. Por isso, apesar de *Yirmeyahu* predizer um novo “contrato” básico entre Deus e o povo judeu, não uma “vontade” — uma aliança, não um testamento — o termo “Novo Testamento” tornou-se a terminologia padrão que obscurece o significado da língua hebraica original, “nova aliança”. Por essa razão, nesta Introdução, escrevo de modo geral a respeito do *Tanakh*, em lugar de Antigo Testamento, e sobre a *B'rit Hadashah* ou “livros da Nova Aliança”, em lugar de Novo Testamento.

Além disso, a “nova” aliança implica a “antiga”, nesse caso a aliança mosaica estabelecida por Deus com o povo judeu no monte Sinai.²⁵ A *B'rit Hadashah* explicita esse fato na carta aos Judeus messiânicos (Hebreus) 8.6-13: nesse contexto, “antiga” não significa “ruim”, mas simplesmente “anterior”. Pelo fato de os livros que constituem o *Tanakh*, dos quais a aliança mosaica é o centro, relatarem fatos acontecidos entre 1500 e 300 a.e.c., aproximadamente, os cristãos chamam-nos Antigo Testamento, a fim de distingui-los dos escritos do século I da era comum, que constituem o Novo Testamento.

Dois “Testamentos”, uma Bíblia. Não obstante, as duas partes da Bíblia, o *Tanakh* e a *B'rit Hadashah*, formam uma única Bíblia. Essas duas partes tratam de material paralelo de forma complementar. A História teve princípio com a criação do céu e da terra e com o paraíso perfeito do Éden nos dois capítulos iniciais do *Tanakh*, e finda com o paraíso perfeito de “um novo céu e uma nova terra”²⁶ nos dois últimos capítulos da *B'rit Hadashah*. Dando continuidade à história da salvação apresentada no *Tanakh* com base nas alianças estabelecidas com Noach (Noé), Avraham (Abraão), Mosheh (Moisés) e David (Davi), a *B'rit Hadashah* apresenta-se como portadora da “nova aliança” prometida por Deus no *Tanakh* e que seria estabelecida “com a casa de Yisra’el e com a casa de Y’hudah (Judá)”²⁷ e apresenta Yeshua como o cumprimento dos sistemas de reis, profetas, *kohanim* (sacerdotes) e sacrifícios descritos nele, e como a suma e substância da *Torah*. Dessa forma, o Novo Testamento à parte do Antigo é herético, e o Antigo Testamento sem o Novo está incompleto — dois Testamentos, uma Bíblia.

A Bíblia Judaica Completa comprova a unidade da Bíblia. A *Bíblia Judaica Completa* comprova essa unidade mediante a eliminação de toda a separação entre o *Tanakh* e a *B'rit Hadashah*. A maior parte das traduções cristãs insere uma página especial com título para separar o Antigo Testamento do Novo, e até mesmo uma nova contagem de páginas, de modo que o livro de *Mattityahu* (Mateus) tenha início na página número 1 do Novo Testamento. A *Bíblia Judaica Completa* divide o texto integral das Escrituras em sete seções: *Torah*, Profetas, Escritos, Evangelhos, Atos dos emissários, Cartas e Revelação. A paginação é contínua. Não há necessidade de reunir os primeiros três quartos da Bíblia sob a designação de “Antigo Testamento” e o quarto final sob o nome de “Novo Testamento”. Ao contrário, a Bíblia é apresentada como um todo inseparável, a Palavra de Deus unificada, uma Bíblia Judaica Completa para toda a humanidade.

4. O conteúdo da Bíblia

Das sete seções da Bíblia, três fazem parte do *Tanakh* e as outras quatro da *B'rit Hadashah*.

²⁵ *Sh'mot* [Êx] 19–24

²⁶ *Yesha'yahu* [Is] 65.17; Revelação [Ap] 21.1

²⁷ *Yirmeyahu* [Jr] 31.30-34

A Torah. Os primeiros cinco livros da Bíblia constituem o Pentateuco, os cinco livros de Mosheh (Moisés), tradicionalmente atribuídos ao próprio Mosheh; alguns estudiosos acreditam que outros escritores modificaram os escritos de Moisés, ou mesmo que compuseram esses livros. *B'reshit* (Gênesis) contém as narrativas da criação, a história do Dilúvio e a dispersão pré-histórica das nações. Em Gênesis 12, inicia-se a história do povo judeu, primeiramente com os patriarcas Avraham (Abraão), Yitz'chak (Isaque) e Ya'akov (Jacó), e por fim com a história de Yosef (José), no Egito. *Sh'mot* (Êxodo) narra o resgate do povo judeu da escravidão por Mosheh, as dez pragas, o êxodo do Egito através do Yam Suf (mar Vermelho) para o deserto do Sinai, o aparecimento de Deus sobre o monte Sinai, a outorga das Dez Palavras e de outras regras. Deus instrui Moisés sobre como construir o tabernáculo, processo interrompido pela apostasia do povo mediante a criação do bezerro de ouro. Mais tarde, o tabernáculo é construído e dedicado, e estabelece-se o sistema dos *kohanim* (sacerdotes). *Vayikra* (Levítico) registra as instruções concernentes ao sistema de sacrifícios e a outros aspectos da vida. *B'midbar* (Números) descreve a jornada do povo através do deserto, durante quarenta anos, e sua rebeldia, enquanto Deus prepara um povo para si mesmo. Em *D'varim* (Deuteronômio), Mosheh apresenta as leis adicionais no contexto da revisão dos quarenta anos anteriores de história. Ele indica Y'hoshua (Josué) como sucessor e conclui com um poema de admoestação e de bênçãos para as 12 tribos. A *Torah* chega ao fim com a morte de Mosheh, em algum ponto entre os séculos XV e XIII a.e.c. (os estudiosos discordam acerca da data exata).

Os Profetas. Os Profetas são divididos, de forma geral, em Profetas Anteriores (*Nevi'im Rishonim*) e Profetas Posteriores (*Nevi'im Acharonim*). O primeiro grupo consiste nos quatro livros de Y'hoshua (Josué), *Shof'tim* (Juízes), *Sh'mu'el Alef e Bet* (1 e 2Samuel) e *M'lakhim Alef e Bet* (1 e 2Reis). O livro de Y'hoshua narra os acontecimentos relativos ao povo de Israel sob o comando de Y'hoshua quando da entrada na terra de Israel, sua conquista e divisão entre as 12 tribos. *Shof'tim* descreve os vários séculos que se seguiram sob um mandato de diversos “juízes”, como Gid'on (Gideão) e Shimshon (Sansão). O último desses juízes, *Sh'mu'el* (Samuel), tem o nome atrelado a 1 e 2Samuel, que descrevem o governo dos dois primeiros reis, Sha'ul (Saul) e David (Davi). Na sequência, 1 e 2Reis narram o restante da história da monarquia, começando logo após o ano 1000 a.e.c., com Shlomoh (Salomão); segue com a divisão do território governado por ele entre o Reino do Norte, Yisra'el (Israel) e o Reino do Sul, Y'hudah (Judá); seguem-se as histórias dos profetas Elyahu (Elias) e Elisha (Eliseu) e uma série de reis até a destruição do Reino do Norte, em 732 a.e.c., por Ashur (Assíria), e a conquista babilônica de Y'hudah, no ano 586 a.e.c.

Os Profetas Posteriores também consistem em quatro livros — cada um deles contendo um dos três “profetas maiores”, *Yesh'a'yahu* (Isaías), *Yirmeyahu* (Jeremias) e *Yechezk'el* (Ezequiel), e um livro contendo os escritos dos *Shneim-'Asar* (os Doze), também conhecidos por “profetas menores”. Esses livros contêm advertências dadas ao povo de Yisra'el além de conselhos éticos. Muitas vezes, por meio desses profetas, Deus pede a Israel que se mantenha fiel a ele, abandone os falsos deuses e os objetivos equivocados. Por meio deles, em diversas circunstâncias, Deus promete recompensar a obediência e punir a desobediência. Demonstra-se, com constância, a união do amor e da santidade de Deus. Ainda que os Profetas façam predições de tempos em tempos, sua principal característica é falar em nome de Deus em lugar de predizer acontecimentos, mediante o anúncio ousado da Palavra de Deus a pessoas nem sempre dispostas a ouvi-la.

Os Escritos. Os Escritos incluem uma ampla variedade de formas. *Tehillim* (Salmos) consiste em 150 poemas ou canções que expressam os anseios e as verdades mais profundos. *Mishlei* (Provérbios) encontra-se na categoria de “literatura sapiencial”, em que a sabedoria é encapsulada em expressões vigorosas, como o faz *Kohelet* (Eclesiastes). O livro de *Iyov* (Jó) lida com a questão da ocorrência de acontecimentos ruins para pessoas boas; sua poesia é insuperável em qualquer língua. O hebraico usado é o mais difícil do *Tanakh* pelo uso de muitas palavras que não são utilizadas em nenhum outro escrito. As cinco *Megillot* (Rolos) são livros curtos; cada “*megillah* completa” é lida em um feriado particular do ano judaico — *Shir-HaShirim* (Cântico dos Cânticos, também chamado Cantares de Salomão nas Bíblias cristãs) em *Pesach* (Páscoa); *Rut* (Rute) em *Shavu'ot* (Pentecoste), por ser o festival da colheita; *Eikhah* (Lamentações) no *Nove de Av*, dia de jejum pela recordação da destruição dos dois templos; *Kohelet* (Eclesiastes) em *Sh'mini 'Atzeret*, a festa que antecipa o inverno, imediatamente após *Sukkot* (Tabernáculos); e *Ester*, em *Purim*, pois o livro descreve a história dessa data. *Dani'el* (Daniel) e *'Ezrah-Nechemyah* (Esdras-Neemias) descrevem a vida durante e após o exílio babilônico, ao passo que *Divrei HaYamim Alef e Bet* (1 e 2Crônicas) revisam, do ponto de vista sacerdotal, a história detalhada em *Sh'mu'el* (Samuel) e *M'lakhim* (Reis). O início de *'Ezrah* e o final de 2Crônicas comprovam que *'Ezrah* é a sequência de Crônicas.

Os Evangelhos. Os 27 livros da *B'rit Hadashah* foram escritos no século I da era comum, por pelo menos oito autores.²⁸ Desses, os quatro primeiros apresentam quatro pontos de vista sobre a vida e o propósito de Yeshua concernentes à “história da salvação” (o relato do envolvimento divino na história humana com propósitos de salvação). O primeiro e o quarto Evangelhos são atribuídos a dois dos 12 *talmidim* (discípulos) de Yeshua, Mattityahu (Mateus) e Yochanan (João). O segundo é atribuído a Marcos, que acompanhou outro dos *talmidim* de Yeshua, Kefa (Pedro). O autor do terceiro Evangelho foi Lucas, colaborador de Sha'ul (Saulo/ Paulo).

A palavra portuguesa evangelho significa *boas notícias*. Portanto, em um sentido muito especial, não existem quatro Evangelhos, mas apenas um, ou seja, as boas notícias sobre quem Jesus é e o que ele fez. Todavia, cada Evangelho apresenta essas boas notícias à sua maneira, da mesma forma que quatro testemunhas honestas de algum acontecimento darão versões próprias sobre o ocorrido. Pode-se dizer que Mattityahu pensava nos leitores judeus, ao passo que Lucas, aparentemente, escreveu para os gentios.²⁹ A versão de Marcos é breve e repleta de detalhes sobre as personagens. Yochanan jamais perde de vista a origem celestial de Yeshua, apresentando-o claramente não apenas como Filho do Homem, mas como Filho de Deus.

Os três primeiros documentos são conhecidos por Evangelhos sinópticos (a palavra “sinóptico” significa “com o mesmo ponto de vista”), porque muitos acontecimentos são reportados em dois ou três deles, geralmente com linguagem similar ou, até mesmo, idêntica. Estudiosos têm tentado explicar as diferenças e as similaridades dos Sinópticos, afirmando que um escritor teria copiado do outro, ou, de forma mais sofisticada, que dois ou os três tiveram acesso direto ou indireto a algum tipo de fonte oral ou escrita.

²⁸ O material a seguir sobre a historicidade dos acontecimentos relatados na *B'rit Hadashah* e da autoria e datação deles baseia-se na erudição conservadora do Novo Testamento. Consulte o debate sobre tradição e erudição, mais adiante, na seção 5.

²⁹ Sua ênfase na universalidade da salvação e no endereçamento da carta a Teófilo (gr. “o que ama a Deus”) sugere que estivesse escrevendo ao público mais amplo possível.

Os Atos dos emissários. Lucas também é o autor de “Atos dos emissários”, que poderia ser chamado “Lucas, parte 2” (v. os versículos de abertura de Lucas e Atos). Esse livro, protagonizado por Kefa e Sha’ul, emissários (“apóstolos”) de Yeshua, descreve a história desde o início da comunidade messiânica (isto é, a igreja) (c. 30-65 e.c.), na fase inicial, em Yerushalayim, onde crer em Yeshua era um assunto estritamente judaico, e, na fase seguinte, quando o evangelho espalhou-se por “Y’hudah, Shomron e até os confins da terra”,³⁰ isto é, Roma, a antítese pagã de Yerushalayim. Um dos principais propósitos do livro de Atos é provar que os gentios podem se tornar messiânicos sem a conversão ao judaísmo. É irônico que a opinião popular atual requeira a aplicação reversa do livro de Atos para demonstrar que os judeus podem tornar-se messiânicos sem a “conversão” ao que se tornou conhecido por uma religião diferente, o cristianismo.

As Cartas de Sha’ul. O restante da *B’rit Hadashah*, com exceção do último livro, consiste em cartas. As primeiras 13 são de Sha’ul, o “emissário aos gentios”.³¹ Cinco delas foram endereçadas a comunidades messiânicas situadas na Grécia — Corinto (duas cartas), Filipos e Tessalônica (a Salônica moderna, duas cartas); duas, a comunidades na Turquia — Galácia e Éfeso; e duas, a comunidades estabelecidas por outras pessoas — Colossos (nas proximidades de Éfeso) e Roma. Essas nove cartas tratam de assuntos referentes ao comportamento e à crença das várias comunidades messiânicas. Das quatro restantes, conhecidas por cartas pastorais, três foram escritas para seus auxiliares — Timóteo (duas cartas) e Tito —, e uma para um amigo chamado Filemom, que lhe pede para receber de volta, como irmão liberto, um escravo que havia fugido.

Em seguida, vem a “Carta a um grupo de judeus messiânicos”, também conhecida por “Hebreus”. Apesar de sua autoria ter sido atribuída a Sha’ul, Apolo, Priscila e Áquila, não se sabe ao certo quem a escreveu. Enviada para leitores judeus messiânicos, ela relaciona a nova dispensação trazida por Yeshua com temas do *Tanakh*. Em seguida, uma carta de Ya’akov (Tiago), irmão de Yeshua e líder da comunidade messiânica de Yerushalayim; duas cartas de Kefa (Pedro); três de Yochanan (João); uma de Y’hudah (Judas), outro irmão de Yeshua. Coletivamente, são denominadas Cartas Gerais e seu tema principal são assuntos de fé e prática.

Revelação. O último livro da *B’rit Hadashah* é “A revelação de Yeshua, o Messias, a Yochanan”, que contém descrições das visões apresentadas pelo Messias ressurreto e glorificado ao emissário Yochanan (João) (ou, segundo outros, a outro Yochanan). Também conhecido por Apocalipse, por descrever acontecimentos “apocalípticos”, desastres e intervenções divinas no fim dos tempos, relacionados ao juízo final da humanidade. Contém mais de 500 citações do *Tanakh* e alusões a ele, e, mais que qualquer outro livro do Novo Testamento, relembra as visões encontradas nos escritos de Yesha’yahu (Isaias), Yechezk’el (Ezequiel), Z’kharyah (Zacarias) e Dani’el (Daniel). Algumas pessoas opinam que sua mensagem é aplicável a eventos futuros, outros a consideram a descrição de uma era iniciada há dois mil anos, e ainda outras creem que sua referência primária diz respeito a acontecimentos do século I e.c. Sua linguagem figurada dá margem a abordagens interpretativas bastante distintas e a qualquer combinação delas.

³⁰ Atos 1.8

³¹ Romanos 11.13; Gálatas 2.7-9

5. Outras características da Bíblia

Datação. Tradicionalmente, a *Torah* procede dos séculos XV a XIII a.e.c., dependendo de quando Mosheh viveu. Os Profetas Anteriores procedem, ainda segundo a tradição, dos séculos XIV a X a.e.c., os Profetas Posteriores, dos séculos IX a IV a.e.c., e os Escritos, dos séculos X a III a.e.c.

Os primeiros livros da *B'rit Hadashah*, como as cartas de Sha'ul aos Gálatas, Tessalonicenses e Coríntios (e provavelmente a carta de Ya'akov) foram escritos por volta do ano 50 e.c., cerca de vinte anos após a morte e a ressurreição de Yeshua. As outras cartas de Sha'ul são datadas entre os anos 50 e 60, os Evangelhos e Atos receberam sua forma final entre 65 e 85, e as outras Cartas Gerais e Revelação, entre os anos 65 e 100. Alguns estudiosos creem que certos livros do Novo Testamento receberam sua forma final somente no princípio do século II.

O cânon. Os estudiosos afirmam que o cânon da *Torah* recebeu a forma atual antes dos dias de 'Ezrah (Esdras) (c. 445 a.e.c.), e os Profetas e os Escritos, posteriormente. Todavia, a revisão final do cânon foi realizada pelo Concílio de Yavneh (Jâmnia), convocado por volta do ano 90 desta era pelo rabino Yochanan Ben-Zakkai como resposta à destruição do templo pelos romanos, vinte anos antes. Vários livros hoje incluídos no *Tanakh* foram questionados — Daniel e Ezequiel, por suas visões e experiências assombrosas; Ester, pelo fato de Deus não ser mencionado; Cântico dos Cânticos, pela característica sexual inequívoca; e Eclesiastes, pela cosmovisão depressiva (com exceção dos dois últimos versículos, que o redimem). Eclesiástico (não se trata de Eclesiastes) foi rejeitado pelos rabinos de Yavneh, mas encontra-se nos Apócrifos (uma coleção de 15 antigos livros judaicos que incluem Tobias, Judite, 1 e 2Macabeus e Sabedoria de Salomão. As versões bíblicas católicas romanas e anglicanas incluem os Apócrifos). Dezesesseis outros livros antigos são chamados coletivamente Pseudepígrafos. Existem versões portuguesas dos Apócrifos³² e dos Pseudepígrafos.³³

Além dos documentos que agora formam o Novo Testamento, existem outras versões escritas das boas-novas, outras histórias de acontecimentos na comunidade messiânica dos primeiros tempos, outras discussões sobre doutrina e prática e outros apocalipses.³⁴ A própria comunidade messiânica dos anos iniciais exerceu o discernimento espiritual necessário para decidir que livros reproduziam verdadeiramente a mensagem de Deus para a humanidade e quais deles eram criações inferiores, talvez de valor histórico ou espiritual, mas não inspirados por Deus. Citações dos livros da *B'rit Hadashah* também são encontradas no livro não canônico *Didaquê: ensino dos doze apóstolos* (80-100 e.c.), apesar de a primeira lista dos livros da *B'rit Hadashah* ter sido compilada pelo herético Marcião, por volta do ano 150 e.c. Essa consequência do erro certamente estimulou o desenvolvimento do cânon ortodoxo, como aparece no *Fragmento Muratório*, no fim do século II. Todavia, a mais antiga enumeração dos exatos 27 livros que constituem a *B'rit Hadashah* atual, sem adições ou omissões, é a *39.^a carta pascal*, de Atanásio (367 e.c.). Ainda que a lista seja tardia, os livros foram usados nas congregações messiânicas a partir da

³² V., e.g., *A Bíblia de Jerusalém* (2. ed. São Paulo: Paulus, 2002), edição católica romana, e *A Tradução Ecumênica da Bíblia* (tb. conhecida por *A Bíblia TEB*) (São Paulo: Loyola, 1995), com recomendação do presidente da CNBB e do bispo primaz da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. [N. do T.]

³³ *V. Apócrifos e pseudepígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005. [N. do T.]

³⁴ V. HENNECKE, Edgar. *New Testament Apocrypha*. Philadelphia: The Westminster Press, 1965.

data de sua composição, da mesma forma que os livros do *Tanakh* integraram o judaísmo séculos antes de o cânon ter sido determinado com a devida autoridade no Concílio de Yavneh.

Tradição e erudição. O material introdutório encontrado anteriormente reflete o pensamento da corrente principal da erudição conservadora a respeito do Novo Testamento e confirma a maior parte dos conceitos tradicionais sobre esses assuntos. Entretanto, há mais de dois séculos a autoria de todos os livros tem sido questionada, bem como a datação e a historicidade da maior parte dos acontecimentos.

O debate continua, apesar de os fatos lhe imporem certos limites: por exemplo, existem manuscritos de porções do Novo Testamento que datam da primeira metade do século II, desqualificando as sugestões mais tardias de que o Novo Testamento tivesse sido escrito duzentos, trezentos ou quatrocentos anos depois de Yeshua. Também algumas críticas baseiam-se em pressuposições aparentemente objetivas, mas que são, na realidade, de caráter religioso e opostas às afirmações da Bíblia, a fim de determinar conclusões negativas *a priori* — e.g., uma cosmovisão “científica” ou incrédula na possibilidade de milagres, como a travessia do Yam Suf (mar Vermelho),³⁵ ou a descrença na habilidade dos escritores antigos de distinguir elementos reais e imaginários; ou, ainda, a tese não comprovada de que as comunidades messiânicas originárias alteraram os relatos a fim de encaixá-los no molde desejado.

Apesar de algumas questões não resolvidas, vários estudiosos respeitados creem que os autores tradicionalmente apontados são os escritores reais e que as datas mais antigas são as corretas, e, mais importante ainda: no caso da *B'rit Hadashah*, Yeshua realmente viveu, “morreu por nossos pecados [...] e [...] ressuscitou ao terceiro dia, de acordo com o que diz o *Tanakh*”.³⁶

6. Por que a Bíblia é a Palavra de Deus

Escrevi no primeiro parágrafo da seção 1: “a Escritura é a Palavra de Deus para a humanidade, a única forma de comunicação verbal fidedigna outorgada por Deus a nós. Ela é merecedora de aceitação, fé e confiança; trata-se do manual divino no tocante às questões de fé e prática”. Devo aos leitores que não se sentem convencidos a respeito do que eu disse, uma explicação dos motivos pelos quais creio que, por trás dos diversos autores da Bíblia, seu verdadeiro Autor é Deus; além disso, mostrei também que diferença essa crença faz.

Os teólogos designam esse tópico de “inspiração divina das Escrituras”, no qual a palavra “inspiração” significa literalmente “soprar em”. Dessa forma, ao considerarem Deus o Autor da Bíblia, em última instância eles não querem dizer com isso que Deus ditou todas as palavras, de modo que os “autores” humanos fossem apenas secretários; ao contrário, os autores expressam de modo geral o que Deus soprou neles por meio da personalidade de cada um deles, mediante suas palavras. O conceito alternativo é que a Bíblia pode conter pensamentos maravilhosos, sentimentos da moral mais elevada, histórias lindas e literatura belíssima, todos “inspirados” no sentido comum, humano, obras “dignas da genialidade”, mas não se trata de comunicação direta da parte de Deus, falando-nos a respeito de si mesmo, a respeito de nós e sobre como se deve viver.

³⁵ *Sh'mot* [Êx] 14 e 15

³⁶ 1Coríntios 15.3,4

Há três razões para considerarmos a Bíblia inspirada por Deus, soprada por Deus: sua alegação, aparência e comprovação.

A Bíblia alega ser a Palavra de Deus. Reiteradamente, surge a expressão “*Adonai* diz”, ou a expressão retumbante das versões bíblicas mais antigas: “Assim diz o SENHOR”. Essas palavras são encontradas na Bíblia cerca de 2.500 vezes, escritas por diversos autores no período de mais de mil anos. Por si só, essa afirmação não prova nada — qualquer um pode escrever “Deus diz”. No entanto, essa afirmação não é feita com muita frequência; por isso, quando ela é feita — e quando muitas pessoas creem nela —, deve-se investigar sua veracidade.

A Bíblia aparenta ser a Palavra de Deus. A diversidade dos assuntos tratados, a sabedoria, a honestidade que deixa transparecer, o entendimento da condição humana, as expressões de alegria, tristeza, ira e outras emoções, o modo de lidar com a história e a política são características que preconizam um ser, uma pessoa digna de ser chamada e honrada como Deus, aquele que amou e criou a mim, a você e ao Universo. Alguns leitores, talvez, encontrem porções de textos de aparência menos divina ou mesmo contrários à maneira que imaginariam que Deus falasse. Minha sugestão para esses leitores é a alteração de seu conceito a respeito de Deus. Apenas na Bíblia encontra-se a descrição detentora de autoridade a respeito do Deus da Bíblia: quem ele é e como ele “deve” ser. É ali que se devem procurar pelos paradoxos sem resolução — e também é nesse lugar onde se torna claro que algumas antinomias (elementos contraditórios resistentes à conciliação) não serão plenamente resolvidas, pelo menos não neste mundo (dois exemplos: livre-arbítrio e predestinação, e o problema de Jó — o motivo de coisas ruins acontecerem a pessoas boas).

A Bíblia comprova ser a Palavra de Deus. Apesar de nem todas as declarações bíblicas poderem ser cientificamente comprovadas, algumas delas encaixam-se nesse padrão. Estudos de caráter histórico e arqueológico têm apresentado evidências de que lugares, acontecimentos e costumes registrados na Bíblia são reais. Desde a minha mudança para o Estado de Israel, em 1979, os jornais registraram a descoberta em Tel Dan, no norte do país, da primeira testemunha independente da existência do rei Davi — um óstraco de seu período com a inscrição de seu nome (é claro que ele prova apenas a existência desse nome, não do rei). Outra descoberta foi uma das romãs que pendiam do manto do *kohen gadol* (sumo sacerdote),³⁷ e a terceira descoberta foi a de um sinete do século VI a.e.c., no qual se lê o tetragrama — sua evidência mais antiga. Essas descobertas não comprovam a existência de Deus, mas demonstram a confiabilidade dos escritores e sugerem que suas afirmações impossíveis de verificação também podem ser fidedignas.

Razões da diferença existente em crer que Deus “escreveu a Bíblia”. A princípio, não dou à ciência a última palavra na determinação do que é a verdade, pois não penso que a fé deva ser relegada à categoria de conhecimento inferior à ciência. As bases filosóficas do mundo ocidental concentram-se em duas cidades: Atenas e Jerusalém. Os gregos desenvolveram a filosofia de forma racional, mas amplamente deficiente pela separação entre coração e mente. Muitos males psicológicos e espirituais procedem dessa separação (pode-se chamá-la, também, de separação

³⁷ *Sh'mot* [Êx] 28.33

entre corpo e alma). Os judeus mantiveram coração e mente, corpo e alma, juntos, e a Bíblia apresenta esse conceito unitário da natureza humana. A mente possui sua forma de conhecer, como também o faz o coração, e nenhum dos dois deve ser ignorado. Caso mente e coração estejam ligados, existirá a possibilidade de que a Bíblia alegue, aparente e comprove ser algo que instigue o coração a responder com fé. Se alguém crê que Deus se comunica por meio da Bíblia, essa pessoa estará mais propensa a levar a sério suas promessas, ameaças, sugestões e mandamentos; e, em decorrência disso, afirmo, que ela terá uma vida melhor em nível pessoal e também no relacionamento com as pessoas que encontrar.

7. O *Tanakh* judeu versus o Antigo Testamento cristão

O título desta seção da *Introdução* pode causar perplexidade em alguns leitores, especialmente após as afirmações feitas na seção 5, pois é comum pensar que o Antigo Testamento cristão e o *Tanakh* judeu são idênticos. Na realidade, existem diferenças importantes. E, com o objetivo de entender melhor a *Bíblia Judaica Completa*, elas precisarão ser analisadas agora.

Ordem diferente na disposição dos livros. A diferença mais evidente, perceptível pela simples verificação do sumário, é que os livros do *Tanakh* são apresentados em ordem diferente da seguida pelos livros do Antigo Testamento (AT), como qualquer cristão descobrirá com presteza se procurar pelo livro de Malaquias no final do *Tanakh*. O acrônimo *TaNakH* nos faz lembrar que a Bíblia hebraica divide-se em três partes: *Torah* (Lei, Ensino), *Nevi'im* (Profetas) e *K'tuvim* (Escritos). No entanto, os cristãos dividem o AT em quatro partes: Pentateuco, Livros Históricos, Livros Poéticos e Profetas. Tanto o AT quanto o *Tanakh* dispõem em primeiro lugar dos cinco livros de Moisés, quer o designem *Torah* quer Pentateuco. A seção dos Profetas do *Tanakh* divide-se em Profetas Anteriores e Profetas Posteriores. Os Profetas Anteriores correspondem aos Livros Históricos do AT, com exceção de Rute, 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias e Ester; estes são agrupados com os Escritos. Os Profetas Posteriores equivalem aos “profetas” do AT, com exceção de Lamentações e Daniel que a Bíblia hebraica põe entre os Escritos. A seção dos “Escritos” do *Tanakh* é bem mais extensa que a do AT, pois inclui oito livros localizados em outras partes do AT. Por fim, no *Tanakh*, os Profetas Posteriores surgem imediatamente após os Profetas Anteriores, mas, no AT, os Profetas vêm por último.

Por que existem essas diferenças? Porque o AT cristão segue a ordem dos livros encontrada nos manuscritos mais antigos da *Septuaginta*, a tradução do *Tanakh* para o grego, realizada pelos judeus de língua grega, de Alexandria, Egito, dois ou três séculos antes do nascimento de Yeshua, ao passo que a sequência do *Tanakh* foi estabelecida na Terra de Israel nos dias de Esdras. Esta é a sequência conhecida por Yeshua, evidenciada pela referência de Lucas 24.44: “[...] a *Torah* de Mosheh, nos Profetas e nos Salmos” (por “Salmos”, entenda-se a seção dos Escritos iniciada no *Tanakh* pelo livro de Salmos, não por Jó, como no AT).

Números diferentes na contagem dos livros. A segunda diferença é que a contagem dos livros do *Tanakh* perfaz 24 livros, ao passo que a contagem cristã enumera 39 livros no AT. Isso se dá, porque o *Tanakh* considera cada um dos seguintes livros como um único livro: 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, os doze Profetas menores (designados desse modo por serem curtos seus escritos — Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e

Malaquias), Esdras—Neemias, e 1 e 2Crônicas. Dessa forma, estes 20 livros do AT são contados como cinco, no *Tanakh*.

Nomes diferentes para os livros. A terceira diferença está nos nomes. Muitos dos livros do *Tanakh* são designados apenas pelas primeiras palavras de seus textos. O *Tanakh* dá o nome de *B'reshit* (“No princípio”) ao livro que, no AT, é chamado de Gênesis; Êxodo (o livro que narra o êxodo judaico do Egito) é chamado *Sh'mot* (“Nomes”), no *Tanakh*, pois assim principia o livro: “Estes são os nomes [...]”. Levítico (acerca do sacerdócio dos levitas) é designado *Vayikra* (“E ele chamou”), segundo as palavras iniciais: “E ele [Deus] chamou Mosheh [...]”. Lamentações é chamado *Eikhah* (“Quão”), pois lê-se no texto: “Quão solitária jaz a cidade [...]”.

O leitor que procurar mais esclarecimentos sobre esses três pontos de diferenças deve consultar com cuidado os sumários. O principal deles alista os livros da Bíblia pela nomenclatura comum em hebraico e em português, na ordem seguida pelas versões judaicas da Bíblia e pela *Bíblia Judaica Completa*; a segunda lista apresenta os livros do *Tanakh*, segundo a nomenclatura em português comum ao Antigo Testamento/*Septuaginta* (disposição mais conhecida pelos cristãos); a terceira lista apresenta todos os livros da Bíblia com todas as suas designações, em ordem alfabética.

Por que escolhi a ordem e os nomes judaicos da *BJC*? Para destacar a unidade judaica do *Tanakh* e da *B'rit Hadashah* — não apenas a “unidade” reconhecida pelos cristãos, mas a “unidade judaica” — o fato de o *Tanakh* e a *B'rit Hadashah* serem completamente judaicos. Quando se disseca o *Tanakh*, reorganizando e renomeando suas partes, também sua judaicidade é removida. Esta é, então, mais uma forma de a *BJC* lembrar os cristãos de que sua fé é judaica.

Ao mesmo tempo, ao apresentar a judaicidade do *Tanakh* e da *B'rit Hadashah*, tanto quanto possível em língua portuguesa, em um único volume, apresento o caráter judaico da *B'rit Hadashah* de maneira destacada para o povo judeu que absorveu o falso conceito de que o Novo Testamento é a Bíblia cristã e, portanto, não diz respeito aos judeus. Esse é o motivo de eu ter escrito o *Jewish New Testament Commentary* [Comentário Judaico do Novo Testamento] — para lidar com diversas ressalvas a respeito de Yeshua, do Novo Testamento e do cristianismo transformadas em uma parte quase inseparável da cultura e do pensamento judeus, e demonstrar sua fundamentação em equívocos, de modo que o povo judeu possa ouvir o que Deus lhes diz no *Tanakh* e na *B'rit Hadashah* — na *Bíblia Judaica Completa*.

Numeração diferente de capítulos e versículos. A quarta diferença está na numeração de capítulos e versículos. No *Tanakh*, a numeração judaica e cristã difere em algumas passagens. Minha regra geral é: quando diferentes, incluo ambas (em primeiro lugar, a numeração encontrada na Bíblia hebraica, com os números divergentes, entre parênteses, na sequência). Assim, a referência: Salmos 69.9(8) significa que o versículo 9 do salmo 69 da Bíblia hebraica é designado versículo 8 em outras versões bíblicas. De forma similar, Joel 3.1-5(2.28-32) é a consequência de a Bíblia hebraica manter o capítulo 3 separado dos últimos cinco versículos do capítulo 2 do Antigo Testamento cristão. Alguns salmos possuem títulos, como o salmo 21: “Para o líder. Um salmo de David”. A Bíblia hebraica, de forma geral, atribui aos títulos o primeiro versículo, ao passo que o Antigo Testamento cristão não procede desta forma na numeração dos versículos. Nesse caso, a *BJC* consigna à numeração “cristã” o número zero: Salmos 21.1(0).

Finais diferentes para quatro livros. O pequeno detalhe que resume a abordagem judaica característica da vida encontra-se no caso de quatro livros do *Tanakh*, que terminam com um versículo que soa de forma negativa. É um costume acentuar o caráter positivo mediante a impressão do penúltimo versículo pela segunda vez no final do livro. A *BJC* procede dessa forma, usando colchetes e uma fonte menor.

Textos básicos diferentes. A última diferença é que o *Tanakh* consiste no “Texto Massorético” da Bíblia hebraica (preservado pela tradição), ao passo que o “Antigo Testamento” cristão deriva-se de estudos acadêmicos e de outros textos antigos da Bíblia para chegar, como se presume, ao texto hebraico mais acurado. Os detalhes serão apresentados a seguir, na seção 8.

Mais semelhantes que diferentes. A despeito dessas diferenças, o Antigo Testamento cristão é muito mais parecido com o *Tanakh* que dessemelhante dele; por essa razão, continuarei a usar nesta *Introdução* os termos “*Tanakh*” e “Antigo Testamento” de modo relativamente intercambiável.

8. Textos das línguas originais que formam a base da *Bíblia Judaica Completa*

O texto hebraico-aramaico usado no *Tanakh*. Com exceção dos manuscritos do mar Morto, 2 mil anos mais velhos, os manuscritos em hebraico e aramaico do *Tanakh* existentes são dos séculos IX a XI da e.c. O *Tanakh* foi escrito originariamente apenas com consoantes, e os rolos da *Torah* lidos hoje nas sinagogas contêm apenas consoantes.

Entre os séculos VI e IX, um grupo de escribas, chamados massoretas (do vocábulo hebraico *masoret*, “tradição”), desenvolveram um sistema de notação para o registro das vogais usadas de forma tradicional na leitura do texto consonantal do *Tanakh*. Sem elas, as consoantes da maior parte das palavras hebraicas poderiam ser pronunciadas de diversas maneiras com significados diferentes. Por exemplo, se a língua portuguesa fosse escrita apenas com consoantes, qual seria a pronúncia de “pt”? As duas consoantes poderiam significar “pata”, “patê”, “pato”, “patuá”, “petê”, “peto”, “pita”, “pite”, “piti”, “pito”, “pitu”, “pote”, “poti”, “poto”, “potó”, “putauá” (dentre outras palavras possíveis), e algumas dessas palavras seriam reconhecidas pelo contexto de sua inserção. No entanto, quando a língua hebraica caiu em desuso, houve a necessidade de esclarecer a pronúncia exata dos vocábulos nos respectivos contextos. Por isso, os massoretas criaram um sistema de vocalização; e todas as edições impressas do *Tanakh* fazem uso dele. Além disso, ensina-se hebraico fazendo uso desse sistema de vocalização; apesar de os israelenses da atualidade serem capazes de ler os jornais sem nenhuma sinalização vocálica, o imigrante recém-chegado aprende a pronunciar a língua hebraica com a ajuda desse sistema. E as vogais também são usadas em edições impressas de poesia hebraica e em livros de oração judaicos.

Além do sistema de vocalização, os massoretas criaram também outro sistema de marcação incluído nas edições impressas do *Tanakh*: são as “notas de cantilena”. Elas são usadas quando a *Torah* é lida na sinagoga (com suas melodias peculiares); no entanto, seu uso mais importante é esclarecer as palavras do texto que seguem juntas. Por exemplo, uma passagem muito conhecida por cristãos e judeus, pelo uso que o Novo Testamento faz da passagem, é *Yeshu‘yahu* [Is] 40.3: “Uma voz clama: ‘Abram um caminho através do deserto para *ADONAI* [o SENHOR]’”. No entanto, lê-se em *Mattityahu* [Mt] 3.3 (e em muitas outras versões) algo semelhante a: “Uma voz clama

no deserto: ‘Abram um caminho para *ADONAI*’. As notas de cantilena mostram que a expressão “no deserto” diz respeito ao “caminho”, não à “voz”.

Os massoretas modificaram o texto escrito (*k'tiv*) de algumas passagens, de modo que a leitura em voz alta (*kere*) feita nas sinagogas hoje difere nesses pontos do que se encontra no rolo da *Torah*. Um exemplo é Salmos 100.3. A *Almeida Fiel* (da SBTB), seguidora de *k'tiv*, verte: “Sabei que o Senhor é Deus; foi ele que nos fez, e não nós a nós mesmos [...]”. Contudo, outras versões, judaicas e cristãs, seguem o *kere*; desse modo, a *BJC* verte: “[...] ele nos criou; somos dele”. Se a palavra hebraica *lo*, de *lo anachnu*, for escrita com as letras *lamed* e *alef* (ל), ela significa “não nós”; porém, se for escrita com *lamed* e *vav* (ו), o significado é alterado para “[somos] dele”. Os massoretas concluíram evidentemente que o autor havia escrito “dele”, e que algum escriba copiou a palavra de maneira equivocada.

Do ponto de vista religioso dos judeus, as alterações massoréticas (compreendidas pelo *kere*) são as únicas alterações permitidas no texto consonantal escrito (o *k'tiv*). No entanto, os eruditos cristãos e judeus não ortodoxos não se sentem compelidos por essa restrição. Desse modo, aplicam os critérios acadêmicos histórico-linguísticos ao texto massorético para determinar sua confiabilidade. Além disso, fazem inferências de leituras alternativas ao texto hebraico, à vocalização e pontuação com base em versões antigas como a *Septuaginta* (em grego). Eis um exemplo bem conhecido de como pode ser significativa essa atividade.

Lê-se nas versões judaicas de Salmos 22.17: “[...] como um leão [junto] às minhas mãos e aos meus pés”, enquanto o versículo 16, correspondente das versões cristãs, diz: “[...] Eles transpassaram as minhas mãos e os meus pés”. Se essa passagem profetiza a respeito da crucificação de Yeshua, como creem os judeus messiânicos e cristãos, a profecia encontra-se mais explícita nas versões cristãs, pelo fato de a *B'rit Hadashah* registrar que Yeshua teve mãos e pés pregados a uma estaca de execução (como a *BJC* designa a cruz), sem dizer nada a respeito de leões junto aos membros dele. Como podem surgir dois significados diferentes com base no mesmo texto? Não se trata do mesmo texto; eles são diferentes. O texto massorético contém a expressão hebraica *k'ari* (כֶּאֱרִי, “como um leão”), ao passo que as versões cristãs fazem uso da *Septuaginta*, e nela as palavras gregas dão a entender que o texto hebraico possuía a palavra *karu* (כָּרוּ, “eles transpassaram”). As diferenças — a presença da letra *alef* (א) no hebraico massorético, e da letra *yud* (י), no lugar de *vav* (ו) — são explicadas com facilidade como erros de escribas (de uma parte ou da outra). Nesse caso, como em quase todos os outros, a *BJC* adere ao texto massorético, mas uma nota de rodapé apresenta a leitura alternativa e remete a este parágrafo da *Introdução*. Existem centenas de diferenças desse tipo, ainda que poucas sejam importantes para o entendimento messiânico da Bíblia. De forma geral, não indiquei a existência dessas diferenças, pois isso se encontra fora do escopo do meu propósito ao preparar a *Bíblia Judaica Completa*.

Os eruditos também podem usar outras versões antigas — a *Vulgata*, de Jerônimo, em latim, (430 a.e.c.), a versão siríaca do *Targum*, de Yonatan, além de outras do século V e.c. ou anteriores. Essas apresentam mais leituras variantes e fazem acréscimos às possibilidades e aumentam a confusão. Não raro, eles encontram justificativas históricas, arqueológicas, literárias, teológicas e lógicas para fazer emendas ao texto — isto é, corrigi-lo para que se assemelhe ao que consideram constituir as palavras originais. Pode até ser que os eruditos se aproximem mais do original hebraico que o texto massorético. Entretanto, minha escolha ao verter o *Tanakh* judaico compele-me a usar o texto massorético; muito raramente eu me desvio dele.

O grego da *B'rit Hadashah*. Enquanto o *Tanakh* foi escrito majoritariamente em hebraico (algumas passagens de *'Ezra-Nechemyah* [Esdras e Neemias] e *Dani'el* [Daniel] foram escritas em uma língua semítica aparentada, o aramaico), a maior parte dos antigos manuscritos do Novo Testamento foram escritos em grego — não na linguagem clássica de Homero e Platão, mas em *coiné* (grego comum), a língua franca dos assuntos do cotidiano do Mediterrâneo oriental e do Oriente Médio no século I.

Contudo, existem boas razões para afirmar que vários livros do Novo Testamento foram originariamente escritos em hebraico ou aramaico, ou derivados de composições dessas línguas; essa hipótese é levantada por diversos eruditos a respeito dos quatro Evangelhos, Atos, Apocalipse e de várias cartas gerais. Sha'ul [Paulo], que escreveu suas cartas em grego, usou sua linha de raciocínio evidentemente judaica, ou hebraica, ao escrever. De fato, algumas expressões dos manuscritos do Novo Testamento não fazem sentido, a menos que se alcance o significado hebraico subjacente às palavras gregas. Eis um exemplo (dentre vários):³⁸ Yeshua diz literalmente no Sermão do Monte:³⁹ “Se o seu olho for mau, o seu corpo será tenebroso”.⁴⁰ Que é um olho mau? O desconhecedor da ambientação judaica poderia pensar que Yeshua mencionava algum tipo de encantamento. Todavia, em hebraico, possuir um *'ayin ra'ah* (“olho mau”) significa ser avarento; e ter um *'ayin tovah* (“olho bom”) implica ser generoso. Yeshua simplesmente incentivou a generosidade em vez da avareza. E este entendimento encaixa-se com perfeição nos versículos do contexto: “Onde está sua riqueza, ali também estará seu coração. [...] Não se pode ser escravo de Deus e do dinheiro”.⁴¹

O texto grego usado na *B'rit Hadashah*. Existem mais de 5 mil manuscritos antigos (totais ou parciais) do Novo Testamento, muito mais do que qualquer outro documento da Antiguidade. Por causa de erros de escribas e de outros fatores, eles não concordam entre si em todos os pontos. A crítica textual, que objetiva determinar a leitura correta do texto com base em fontes imperfeitas, está muito além da competência da maior parte dos tradutores da Bíblia, e eu me incluo entre eles. Felizmente existem edições críticas do texto grego do Novo Testamento, nas quais especialistas têm pesquisado, comparado e julgado a exatidão de diferentes leituras textuais encontradas nos manuscritos. Minha tradução da *B'rit Hadashah* baseia-se, primariamente, em *The Greek New Testament*, das Sociedades Bíblicas Unidas;⁴² um grande número de versões inglesas e hebraicas, além de comentários, foram consultados como referência.

9. Poesia na *Bíblia Judaica Completa*

Frequência e caráter da poesia bíblica. Cerca de 30% do *Tanakh* foi escrito sob a forma de poesia, principalmente os Profetas Posteriores e os Escritos. É comum esse dado surpreender as pessoas, pois muitas edições da Bíblia ocultam a poesia mediante um tipo de diagramação que

³⁸ V. David BIVIN e Roy BLIZZARD JR., *Understanding the Difficult Words of Jesus*, Austin, Texas: Center for Judaic-Christian Studies, 1984). V. tb. o *Jewish New Testament Commentary*, 4. ed., Jewish New Testament Publications, Inc., 1996, e a seção 11, mais adiante.

³⁹ Mateus 5—7

⁴⁰ Mateus 6.23

⁴¹ Mateus 6.21,24

⁴² 3. ed. (New York: American Bible Society, 1975).

esconde sua aparência de poesia. Pelo fato de muito da força, da dramaticidade e das nuances da mensagem comunicada serem inseparáveis do formato poético usado pelos autores, uma de minhas prioridades é possibilitar aos leitores a percepção e a sensação da poesia na Bíblia. (À parte do *Tanakh*, a *B'rit Hadashah* contém, no máximo, entre 1% e 2% de poesia; a maior parte dela advém do livro de Apocalipse.)

É esta a razão de eu ter escolhido diagramar a *BJC* em uma única coluna (em lugar de duas colunas) — possibilitar que cada linha da poesia tenha seu espaço. Se as linhas poéticas precisarem de duas linhas de diagramação, a atenção do leitor é atraída para a linha do término da poesia, deixando-o com menos energia para escandir a linha e encontrar o ritmo subjacente. Sei que para alguns o formato em coluna única dificulta a leitura da prosa, pois os olhos devem seguir uma linha maior da página. No entanto, decidi-me a favor de facilitar ao máximo a difícil tarefa de ler poesia.

Ajudas para ler poesia bíblica. Em hebraico, a chave da poesia bíblica não é primariamente o ritmo, mas o paralelismo. A poesia é dividida em estrofes de duas linhas. De maneira geral, a segunda linha realiza uma de três funções: expressa a mesma ideia da primeira, apresenta um conceito contrastante ou faz acréscimo(s) ao pensamento da primeira linha. A tabela a seguir exemplifica os três usos.

Versículo	Tipo de paralelismo	O texto
<i>Tehillim</i> [SI] 38.22(21)	Pensamento	Não me abandones, <i>ADONAI!</i>
	Mesmo pensamento	Meu Deus, não te distancies de mim!
<i>Mishlei</i> [Pv] 2.21	Pensamento	Pois os retos viverão na terra,
	Mesmo pensamento	os puros de coração ali permanecerão;
	(segunda exposição)	os puros de coração ali permanecerão;
	(terceira exposição)	os puros de coração ali permanecerão;
<i>Mishlei</i> [Pv] 10.2	Pensamento	Nada de bom vem da riqueza desonesta,
	Pensamento contrastante	mas a retidão livra da morte.
<i>Yesha'yahu</i> [Is] 54.10	Pensamento	Pois as montanhas podem mudar, e
		os montes podem ser retirados,
	Pensamento contrastante	mas a minha graça jamais
		se apartará de você.
<i>Mishlei</i> [Pv] 23.29	Pensamento A	Quem fica magoado sem uma boa razão?
	crécimo ao pensamento	Quem tem olhos avermelhados?
<i>Iyov</i> [Jó] 13.5	Pensamento	Queria que o justo ficasse quieto;
	Acrécimo ao pensamento	para você, isso seria sabedoria!
<i>Mal'akhi</i> [MI] 2.10	Pensamento nº 1	Não temos todos o mesmo pai?
	Mesmo pensamento	Deus não nos criou a todos?
	Pensamento nº 2	Então, por que somos
		infiéis uns aos outros,
	Acrécimo ao pensamento nº 2	profanando a aliança de
		nossos antepassados?

Finalmente, apesar de a consciência do ritmo da poesia melhorar sua leitura, não se deve permitir que ele a degenera em som monótono que sobrepuja o sentido do texto.

10. O nome de Deus na *Bíblia Judaica Completa*

O problema fundamental: o nome pessoal de Deus nunca é pronunciado. Quando Mosheh voltou-se no deserto de Midyan para ver o arbusto que queimava sem ser consumido, Deus revelou-se a ele e lhe disse seu nome. Em hebraico, esse nome consiste em quatro letras *Yud-Heh-Vav-Heh* (י-ה-ו-ה) e é, portanto, designado tetragrama (escrito que contém quatro letras). A Bíblia esclarece que esse nome não era usado de forma casual. O terceiro mandamento proíbe o uso do nome de Deus em vão,⁴³ e a pessoa que o usasse em uma maldição deveria ser executado de acordo com o ensino divino explícito.⁴⁴ Já nos dias de Yeshua, ninguém pronunciava o nome de Deus, com exceção do *kohen hagdol* (sumo sacerdote) quando entrava no Lugar Especialmente Sagrado do templo para realizar a expiação dos pecados de Yisra'el, no *Yom Kippur*. Essa regra era tão severa que os massoretas, ao escreverem as vogais na *Torah*, usavam as vogais de outra palavra para a pronúncia do tetragrama. Já nessa época, usava-se a palavra *Adonai*, uma designação divina frequente da Bíblia com o significado de “meu Senhor”, no lugar do nome, todas as vezes que se lia a *Torah*; por isso, os massoretas colocaram as vogais de *Adonai* sob as consoantes *Yud-Heh-Vav-Heh*. Até hoje, quando a *Torah* é lida na sinagoga, “*Adonai*” substitui o nome. Em português, o nome “Jeová” é a representação das consoantes (Y-H-V-H) acrescidas das vogais de “*Adonai*” — uma forma híbrida sem base histórica. A maior parte das versões em português substitui o nome por SENHOR (como se encontra representado aqui, com versal/versaleta). A *BJC* usa mais de 6 mil vezes a palavra hebraica *ADONAI* (com versal/versaleta, em itálico) para representar o tetragrama.

Outros problemas. No entanto, permanecem algumas dificuldades. A primeira diz respeito às passagens bíblicas hebraicas nas quais se lê: “*Adonai Yud-Heh-Vav-Heh*”. Para evitar a leitura em dobro de “*Adonai*”, a prática judaica nesses casos é dizer: “*Adonai ELOHIM*”, e a *BJC* procede dessa forma em 270 passagens. O vocábulo “*Elohim*” significa “Deus” e é traduzido dessa maneira nas demais ocorrências na *BJC*, como acontece em outras versões bíblicas.

A segunda dificuldade é a existência de três passagens nas quais, em minha opinião, faz-se necessário apresentar o nome sob a forma mais próxima possível do original — *Sh'mot* [Êx] 3.13-17; 6.2,3; e 34.6,7. Nessas passagens, a *BJC* apresenta o tetragrama *Yud-Heh-Vav-Heh*. De outro modo, a força da comunicação desse nome perderia muito de seu impacto.

A terceira dificuldade é a prática religiosa judaica, especialmente dos ultraortodoxos, que descartam até mesmo o uso de “*Adonai*” e “*Elohim*” em ambientes não religiosos. Em seu lugar, usam eufemismos como “*HaShem*” (o Nome), “*Ado-shem*” (a combinação de “*Adonai*” com “*HaShem*”) e “*Elokim*” (pronúncia equivocada intencional de “*Elohim*”); caso o tetragrama seja lido em voz alta, ele é soletrado “*Yud-Keh-Vav-Keh*”. Até considereei o uso de “*Ha- -Shem*”, mas decidi-me, mais tarde, contra ele pelo fato de a *BJC* ser um texto religioso para justificar a escolha. Ao mesmo tempo, não usei “*Iahweh*” ou “*Javé*”, como outras versões, pelo fato de, inicialmente, os judeus não pronunciarem o nome divino sob nenhuma hipótese; não se sabe com certeza, também, se essas são boas representações da pronúncia do nome divino; além disso, elas soariam estranho ao extremo aos ouvidos da maioria dos judeus — que não têm o costume de ouvi-las em nenhum contexto. Evitei o uso de “o SENHOR”, pelo simples fato de os falantes

⁴³ *Sh'mot* [Êx] 20.7; *D'varim* [Dt] 5.11

⁴⁴ *Vayikra* [Lv] 24.10-23

da língua portuguesa estarem tão acostumados com ele em suas versões da Bíblia que o julgo incapaz de evocar o temor e a reverência devidos a Deus. No entanto, não me sentirei ofendido se as pessoas usarem qualquer substituto para o nome diferente do que se encontra na *BJC*.

O tetragrama na *B'rit Hadashah*. Por fim, o problema do nome divino toma uma dimensão de incerteza na *B'rit Hadashah*. Ali a palavra grega *kyrios* é muitas vezes ambígua. Ela pode significar “senhor”, “dono” (como em “senhor feudal”), “Senhor” (com ares divinos), e “*Yud-Heh-Vav-Heh*”. Por sempre verter *kyrios* por “Senhor”, a maior parte das traduções acaba passando por cima das ocorrências nas quais significa “*Yud-Heh-Vav-Heh*”. A *BJC* e o *Novo Testamento Judaico* não procedem assim; e, de acordo com o princípio estabelecido na seção 2, de que os tradutores devem decidir o verdadeiro significado de uma palavra e vertê-lo da forma mais clara possível, em lugar de transportar conceitos vagos de uma língua para outra, o vocábulo “*ADONAI*” é usado na *B'rit Hadashah* todas as vezes que eu, o tradutor, creio que “*kyrios*” seja a representação grega do tetragrama.

Em diversas passagens, essa abordagem destaca um assunto teológico fundamental que separa o judaísmo tradicional do messiânico, ou seja, o conceito de o vocábulo *ADONAI* incluir Yeshua, o Messias, e/ou o Espírito Santo. Filipenses 2.10,11 revela estar chegando o dia em que “[...] todo joelho se dobrará [...] e toda língua reconhecerá que Yeshua, o Messias, é *ADONAI*”. Pelo fato de esta passagem citar *Yeshá'yahu* [Is] 45.23, em que o profeta afirma explicitamente que todo joelho se dobrará perante *ADONAI*, *kyrios* aqui é traduzido por “*ADONAI*”. Em 2Coríntios 3.16-18, Sha'ul alude a *Sh'mot* [Êx] 34.34, ao escrever: “[...] sempre que alguém se volta para *ADONAI*, o véu é retirado”, e então afirma explicitamente que “‘*ADONAI*’, neste texto, significa o Espírito”, e usa a expressão: “[...] *ADONAI*, o Espírito”.

11. A judaicidade do Novo Testamento

Tendo tratado o suficiente das diferenças entre o *Tanakh* da *BJC* e do Antigo Testamento conhecido dos cristãos, voltamos agora nossa atenção para as diferenças entre a *B'rit Hadashah* da *BJC* e das outras traduções do Novo Testamento. Por já existirem, literalmente, dezenas de versões do Novo Testamento em língua portuguesa, quando o *Novo Testamento Judaico* foi lançado, levantou-se o questionamento sobre a razão por que se estava disponibilizando mais uma versão. O motivo é que minha versão foi a primeira a expressar plenamente a judaicidade original e essencial do Novo Testamento; todas as outras versões do Novo Testamento em língua portuguesa apresentam sua mensagem em uma estrutura linguística, cultural e teológica gentílico-cristã.⁴⁵

⁴⁵ Em língua inglesa, porém, o autor alista algumas versões que tentaram manter características judaicas em vários níveis: **The Book of Life**, de Sid Roth (Nashville: Thomas Nelson, 1982) e **The Living Bible: Messianic Edition**, de David Bronstein Jr. (Wheaton, Ill: Tyndale, 1984); as duas são adaptações de versões já existentes em inglês, feitas por judeus messiânicos. **The Original New Testament** (San Francisco: Harper & Row, 1985) é a revisão feita por Hugh Schonfield de sua tradução anterior: **The Authentic New Testament** (1955). Em sua juventude, Schonfield (1901-1988) aceitara Yeshua como o Messias, porém mais tarde o renegou. A versão chamada **God's New Covenant: A New Testament Translation** (Grand Rapids: Eerdmans, 1989) foi produzida pelo judeu messiânico Heinz W. Cassirer (1903-1979).

E o que há de errado nisso? Nada. Ainda que o evangelho seja de origem judaica, ele não existe só para os judeus, mas também para os gentios. O próprio Novo Testamento deixa isso muito claro;⁴⁶ portanto, é apropriado que sua mensagem seja comunicada aos gentios para lhes impor o mínimo possível de outra bagagem cultural.⁴⁷ E esta abordagem tem sido bem-sucedida: milhões de gentios depositaram sua confiança no Deus de Avraham, Yitz'chak e Ya'akov, e no Messias judeu, Yeshua.⁴⁸

O Novo Testamento é um livro judaico. Entretanto, chegou o tempo de restaurar a judaicidade do Novo Testamento. Pois o Novo Testamento é, de fato, um livro judaico — escrito por judeus, que trata majoritariamente de judeus e que tem, por público-alvo, judeus e gentios. É correto adaptar um livro judeu para a melhor apreciação dos gentios, mas não ao preço de suprimir sua judaicidade inerente. O *Novo Testamento Judaico* evidencia suas características judaicas já no título, da mesma forma que o nome da organização evangelística “Judeus por Jesus” une duas ideias consideradas incompatíveis e completamente dissociadas por algumas pessoas.

Entretanto, essa separação não pode existir. A figura central do Novo Testamento — Yeshua, o Messias — era um judeu nascido de judeus em Beit-Lechem, que cresceu entre os judeus em Natzeret, ministrou aos judeus na Galil, morreu e ressuscitou na capital judaica, Yerushalayim — tudo isso em *Eretz-Yisra'el*, a terra dada por Deus ao povo judeu. Além disso, Yeshua ainda é judeu, porque está vivo, e em nenhum lugar a Escritura afirma ou sugere que ele tenha cessado de ser judeu. Seus 12 seguidores mais íntimos eram judeus. Durante anos, todos os seus *talmidim* (discípulos) eram judeus, alcançando o número de “dezenas de milhares” só em Yerushalayim.⁴⁹ O Novo Testamento foi escrito inteiramente por judeus (ao que tudo indica, Lucas era um prosélito do judaísmo); e sua mensagem é dirigida “especialmente ao judeu, mas também ao não judeu”.⁵⁰ Os judeus levaram o evangelho aos gentios; não foi o inverso. Sha'ul (“também conhecido por Paulo”),⁵¹ o principal emissário aos não judeus, foi, durante toda a sua vida, um judeu praticante, como evidencia o livro de Atos.⁵² De fato, a principal questão no início da comunidade messiânica (ou seja, a “igreja”) não era se um judeu poderia crer em Yeshua, mas se um não judeu poderia se tornar cristão sem se converter ao judaísmo.⁵³ A expiação vicária do Messias tem sua raiz no sistema sacrificial judaico.⁵⁴ A ceia do Senhor origina-se da festa judaica de *Pesach* (Páscoa). A imersão (“batismo”) é uma prática judaica. A própria Nova

⁴⁶ Romanos 1.16; 3.29,30; 10.12.

⁴⁷ V. 1Coríntios 9.19-23.

⁴⁸ Estas são as formas hebraicas dos nomes de Abraão, Isaque, Jacó e Jesus. Breves definições dos nomes semitas e dos termos usados nesta *Introdução* são explicados no *Glossário com explicações de pronúncia*, no fim deste livro.

⁴⁹ Atos 21.20

⁵⁰ Romanos 1.16

⁵¹ Esta expressão encontra-se em Atos 13.9. Alguns supõem que, nesse ponto, Deus tenha alterado seu nome de Sha'ul para Paulo, como sinal de que ele “tenha deixado de ser judeu, tornando-se cristão”. Nada poderia estar mais longe da verdade. Da mesma forma que muitos judeus da Diáspora (daquele tempo e dos nossos dias), ele possuía dois nomes — um para ser usado no país em que vivia, e o outro, o nome hebraico, era outorgado no momento da circuncisão.

⁵² V. Atos 16.3; 17.2; 18.18; 20.16; 21.23-27; 23.7; 25.8; 28.17.

⁵³ V. Atos 15.1-29 e toda a carta aos Gálatas.

⁵⁴ V. esp. *Vayikra* [Lv] 17.11 e comparar com Judeus messiânicos [Hb] 9.22.

Aliança foi prometida pelo profeta judeu *Yirmeyahu* (Jeremias).⁵⁵ O próprio conceito do Messias é exclusivamente judaico, e o Messias judeu ensinou: “[...] a salvação vem dos judeus”.⁵⁶ A bem da verdade, como o nome *Bíblia Judaica Completa* sugere, a *B’rit Hadashah* completa o *Tanakh*, de forma que, sem o Antigo Testamento, a existência do Novo Testamento é tão possível quanto o segundo pavimento de uma casa existir sem o primeiro; e o Antigo Testamento existir sem o Novo Testamento é como uma casa não ter teto.

Além do mais, muito do que está escrito na *B’rit Hadashah* é incompreensível à parte do contexto judaico. Apresentei um exemplo na seção 8 (anterior a esta), no parágrafo acerca do grego da *B’rit Hadashah*, e aqui está outro: em *Mattityahu* [Mt] 1.21, um anjo de *ADONAI* diz a Yosef (José) que Miryam, prometida em casamento a ele, daria à luz um filho: “[...] e você lhe dará o nome de Yeshua, porque ele salvará seu povo dos pecados dele”. Em nossa língua, esse “porque” nada explica; por que não lhe dar o nome de “Jorge, porque ele salvará seu povo dos pecados dele”? Da mesma forma, em grego, o nome *lesous* não tem ligação com *soter*, palavra relacionada a “salvar”. O “porque” tem sentido apenas em hebraico e aramaico. O nome hebraico *Yeshua* (יֵשׁוּעַ) é a forma masculina do vocábulo *yeshu’ah* (יְשׁוּעָה — salvação), baseada na mesma raiz (*yud-shin-’ayin* — י־שׁ-ע) de *yoshi’a* (יִישׁוּעַ), que significa “ele salvará”.

Contudo, a melhor demonstração do caráter judaico do Novo Testamento é também a prova mais convincente de sua veracidade, ou seja, o número de profecias do *Tanakh* — todas muitos séculos mais velhas que os acontecimentos registrados no Novo Testamento — cumpridas na pessoa de Yeshua de Natzeret. A probabilidade de que qualquer pessoa pudesse se encaixar em dezenas de condições proféticas por mero acaso é infinitesimal. Nenhum candidato farsante ao messiado, como Shim’on Bar-Kokhva,⁵⁷ Shabtai Tzvi,⁵⁸ ou, mais recentemente, o falecido líder do movimento hassídico *Chabad*, Menachem Schneerson,⁵⁹ entre os judeus ultraortodoxos, cumpriu mais que umas poucas profecias. Yeshua cumpriu todas as profecias referentes à sua primeira vinda; a seção 14, mais adiante, alista 54. As restantes serão cumpridas quando ele retornar em glória.

Dessa forma, o *Novo Testamento Judaico* considera normal pensar no Novo Testamento como um livro judaico.

Há três áreas adicionais nas quais o *Novo Testamento Judaico* e a *Bíblia Judaica Completa* podem ajudar em relação a *tikkun-ha’olam* (“conserto do mundo”): o antissemitismo cristão, a recusa judaica de receber o evangelho e a separação entre a igreja e o povo judeu.

O antissemitismo cristão. Inicialmente, um círculo vicioso de antissemitismo cristão alimentava-se do Novo Testamento. O Novo Testamento não contém nenhuma forma de antissemitismo, mas, desde os primeiros dias da igreja, os promotores desse conceito têm distorcido suas páginas para justificar-se e se infiltrar na teologia cristã. Alguns tradutores do Novo Testamento, mesmo desligados do antissemitismo, absorveram a teologia antissemita e produziram traduções antijudaicas. Os leitores dessas traduções acabaram assumindo posturas antissemitas e

⁵⁵ *Yirmeyahu* [Jr] 31.30-34

⁵⁶ *Yochanan* [Jo] 4.22

⁵⁷ Morto em 135 e.c.

⁵⁸ 1626-1676 e.c.

⁵⁹ Menachem Mendel Schneerson nasceu em Mykolaiv (antiga Nikolayev, Ucrânia), em 5 de abril de 1902, e faleceu em Nova York (EUA), em 12 de junho de 1994. [N. do T.]

hostis ao judaísmo. Alguns desses leitores tornaram-se teólogos que refinaram e desenvolveram o caráter antissemita da teologia cristã (mesmo sem ter consciência desse sentimento); ainda outros se tornaram ativistas do antissemitismo e perseguiram os judeus, pensando agradar a Deus quando procediam assim. Esse círculo vicioso precisa ser quebrado. O *Novo Testamento Judaico*, ao remover erros teológicos antissemitas multisseculares e destacar positivamente sua judaicidade, tem contribuído para isso; e agora, a *Bíblia Judaica Completa* continua nesse intento.

A desconfiança judaica em relação ao evangelho. Em segundo lugar, apesar da existência de muitos judeus messiânicos (entre 100 e 500 mil) nos países de língua inglesa (e, possivelmente, o dobro em outros países do mundo — os números variam muito por causa de alguns pontos incertos: quem pode ser considerado judeu e messiânico), é óbvio que a maior parte do povo judeu (entre 13 e 17 milhões de pessoas) não aceita Yeshua como o Messias. Ainda que as razões possam incluir a perseguição cristã aos judeus, as cosmovisões seculares que cedem pouco espaço para Deus ou um messias e, como se dá entre os não judeus, a recusa de se arrepender dos pecados, o motivo principal é o sentimento judaico de que o evangelho lhes é irrelevante. Esse sentimento origina-se parcialmente da própria apresentação do cristianismo, além da alienação induzida pela maior parte das versões do Novo Testamento. A ornamentação cultural cristã dos gentios e suas justificativas teológicas antijudaicas levaram muitos judeus a pensar que o Novo Testamento era um livro não judeu sobre uma divindade dos gentios. O Jesus apresentado por eles diz pouco a respeito da vida judaica. Torna-se difícil para o judeu experimentar Yeshua, o Messias, como ele realmente é — amigo de cada coração judeu. Ainda que o *Novo Testamento Judaico* e a *Bíblia Judaica Completa* não consigam eliminar todas as barreiras entre os judeus e a confiança no Messias, eles removem alguns obstáculos linguísticos, culturais e teológicos. O judeu que ler o *NTJ* ou a *BJC* poderá perceber com clareza que Yeshua é, de fato, o Messias prometido pelo *Tanakh* ao povo judeu; que a *B'rit Hadashah* destina-se tanto aos judeus quanto aos gentios; e que a mensagem integral da Bíblia, os dois Testamentos juntos, é verdadeira, importante e digna de aceitação, a chave para a salvação judaica pessoal e coletiva.

A separação entre a comunidade messiânica e o povo judeu. Em último lugar, séculos de rejeição judaica de Yeshua e de rejeição cristã em relação aos judeus produziram a situação em que nos encontramos: cristianismo é cristianismo, e judaísmo é judaísmo, e os dois jamais se encontrarão. Além disso, muitos judeus e cristãos estão satisfeitos com essa situação. A maioria dos judeus aceita o falso pressuposto de que receber Yeshua como Messias implica deixar de ser judeu; portanto, caso os judeus o fizessem em um número expressivo, esse ato equivaleria à sua aniquilação como povo e — como afirmou o filósofo Emil Fackenheim — a conceder a Hitler a vitória póstuma.⁶⁰ Entretanto, não se deve pensar desse modo, pois não é da vontade de Deus que o judeu crente em Yeshua deixe de ser judeu; e também não é desejo divino a existência separada de dois povos de Deus — judeus e cristãos. Contudo, apenas nas últimas duas ou três

⁶⁰ Emil Ludwig Fackenheim (1916-2003) nasceu em Halle (Alemanha). Fugitivo do campo de concentração de Sachsenhausen, tornou-se posteriormente professor de Filosofia da Universidade de Toronto (Canadá) e rabino ligado ao judaísmo reformista. Tornou-se famoso pela proposta da inserção do mandamento 614 no arranjo tradicional da *Torah*: “Não conceder a vitória póstuma a Hitler”, mediante a apostasia do Deus de Israel. [N. do T.]

décadas, com o surgimento do judaísmo messiânico e da aceitação desse movimento por segmentos significativos da igreja, ocorreu o desenvolvimento de uma estrutura institucional eficaz para a preservação da identidade do povo judeu pelo movimento messiânico. Os cristãos gentios que reconhecem sua *união* a Yisra'el, não sua *substituição*, e os judeus messiânicos plenamente identificados com o povo judeu e o Messias judeu, Yeshua, trabalham agora em conjunto para curar a separação ocorrida entre a igreja e o povo judeu. A *Bíblia Judaica Completa* e o *Novo Testamento Judaico* tornam possível o grande esforço de exibir judeus e gentios de forma semelhante na unidade judaica do *Tanakh* e da *B'rit Hadashah*.

12. Como a *Bíblia Judaica Completa* expressa a judaicidade da *B'rit Hadashah*

Três formas de apresentar a judaicidade da *B'rit Hadashah*. Esta tradução propõe-se a alcançar o objetivo de destacar as características judaicas da *B'rit Hadashah*, apresentando-as de três formas (às vezes, sobrepostas): cosmética (ou superficial), cultural e religiosa, e teologicamente.

- **Cosmeticamente.** As alterações cosméticas são as mais frequentes e óbvias. Os nomes Jesus, João, Tiago e Pedro são substituídos invariavelmente por Yeshua, Yochanan, Ya'akov e Kefa. Os termos *imersão*, *emissário*, *estaca de execução* e *comunidade messiânica* (ou *congregação*) substituem *batismo*, *apóstolo*, *cruz* e *igreja*. Termos semíticos pertencentes ao “judeu-português” (v. a seguir) substituem certas palavras da língua portuguesa — por exemplo: *talmid*, em lugar de *discípulo*, e *fazer tzedakah*, em vez de *fazer caridade*. Muitas dessas alterações substituem a “linguagem eclesiástica” (que estimula respostas automáticas nos cristãos) pela terminologia neutra que encoraja o leitor a pensar. Ainda que algumas dessas mudanças sejam superficiais, sua simples existência causa no leitor a impressão de que a *B'rit Hadashah* é de fato um livro judaico e do caráter verdadeiro e genuíno desse efeito (em nada superficial).
- **Cultural e religiosamente.** As mudanças culturais e religiosas fortalecem a percepção do leitor dos contextos judaico, cultural ou religioso dos acontecimentos registrados na *B'rit Hadashah*. Um exemplo é Mattityahu 9.20: uma mulher que desejava ser curada toca não somente “na orla da veste”, ou “na borda do seu manto”, mas nas *tzitzit* de Yeshua, as franjas rituais que a *Torah* instrui os homens judeus a usar nos quatro cantos de suas roupas como lembrete da obediência a todas as *mitzvot* (mandamentos) de Deus.⁶¹ Encontra-se outro exemplo em Atos 20.7, ocasião do encontro de Sha'ul com os crentes de Éfeso no (literalmente) “primeiro da semana”, comumente vertido por “primeiro dia da semana” — provavelmente não na noite de domingo, mas refletindo a forma judaica, bíblica, de organizar o calendário, no *motza'ei-shabbat* (isto é, a “saída do sábado”), na noite do sábado.
- **Teologicamente.** As mudanças teológicas são as mais pungentes, pelo fato de o Novo Testamento já ter sido traduzido e estar permeado de teologias gentilico-cristãs que desconsideram os judeus como povo de Deus, a validade da *Torah* e a unicidade divina. Um exemplo dessas alterações é o texto de Judeus messiânicos [Hebreus] 8.6, em que o vocábulo

⁶¹ *B'midbar* [Nm] 15.37-41

grego *nenomothetetai* não significa apenas que a Nova Aliança “foi promulgada” com base em melhores promessas, mas no fato de que essas promessas “foram dadas como *Torah*”. Outra passagem é Romanos 10.4, em que a palavra *telos* não significa que o Messias tenha dado fim à Lei, mas que ele é “o objetivo estabelecido pela *Torah*”. As implicações teológicas dessas e de algumas outras interpretações encontradas no Novo Testamento da *Bíblia Judaica Completa* serão analisadas na seção 13, mais adiante.

“Judeu-português”. Além do uso sistemático de nomes semitas para pessoas e lugares na terra de Israel e na circunvizinhança, o Novo Testamento da *Bíblia Judaica Completa* faz uso do “judeu-português” — que pode ser definido como o conjunto de palavras hebraicas e aramaicas incorporadas pelos judeus de língua portuguesa ao vocabulário do dia a dia.⁶² Embora sua concepção tenha por objetivo destacar a judaicidade do Novo Testamento, alguns leitores poderão considerar esse aspecto da tradução não familiar ou anacrônico e, portanto, cansativo e dissonante; ou ainda podem abrir exceções para seus vocábulos prediletos — por exemplo: *shalom*, em lugar de “paz”, *talmid*, em vez de “discípulo”, ou pelo fato de eu não usar sempre *Mashiach*, em lugar de “Messias”. Essa reação é esperada por mim pelo fato de o “judeu-português” não ser um conceito específico, e de todos os judeus que falam português poderem criar sua versão com base nele. Alguns deles nem mesmo têm consciência desse padrão. Outros estão familiarizados com algumas expressões, mas ignoram outras. Os conhecedores das expressões podem considerá-las incompatíveis com a Bíblia, ao passo que outros podem deparar com muitos termos desconhecidos ao longo do livro. Todavia, pelo fato de a expressão “judeu-português” ser muito ampla e compreender muitos usos, peço que se use de tolerância para com os termos incluídos da *BJC*.

Na *Bíblia Judaica Completa*, porém, evidencia-se maior quantidade de termos hebraicos e de termos “judeu-portugueses” na *B’rit Hadashah* que no *Tanakh*, pois, como afirmei anteriormente, não se faz necessário destacar a judaicidade do *Tanakh*. Todos os nomes do *Tanakh* são apresentados sob a forma hebraica original — mais de 3 mil deles —, e isso pode ser muito complicado para alguns leitores. Mesmo assim, não parece ser muito mais difícil pronunciar “Achazyah”, em vez de “Acázias”, ou “Ya’akov”, em lugar de “Jacó”; além de parecer mais autêntico indicar aos leitores a forma hebraica real do que sua pronúncia aportuguesada. Como forma de ajuda, incluí na seção 16 (a seguir) um guia de pronúncia da língua hebraica. No final do livro, existe o *Glossário com explicações de pronúncia*, que traz as definições dos termos, além da demonstração da pronúncia.

Jewish New Testament Commentary. Na seção 1, mencionei que o *Jewish New Testament Commentary* foi preparado por mim como complemento do *Novo Testamento Judaico*. Trata-se de um comentário versículo por versículo, que pode ser usado com a *B’rit Hadashah* da *BJC*, no qual traduções controversas são defendidas e também se provê material adicional do cenário da *B’rit Hadashah* de interesse para judeus e cristãos. Passagens problemáticas (do ponto de vista

⁶² O autor, David H. Stern, optou na versão original deste NT pela introdução de 11 vocábulos de origem ídiche, que aparecem, em média, uma única vez no texto. Eles foram suprimidos pelo tradutor desta edição em português por não fazerem parte do vocabulário cotidiano dos judeus de língua portuguesa, além de não fazerem sentido para a maioria dos descendentes de judeus que não mais entendem a língua de seus avós e bisavós oriundos da Europa Oriental. [N. do T.]

judaico) são tratadas, como *Mattityahu* 27.25 (“[...] O sangue dele esteja sobre nós e sobre nossos filhos!”) e os comentários de Yochanan, em seu Evangelho, sobre “os judeus” (nesta tradução, muitas vezes vertidos por “os habitantes de Y’hudah”). Da mesma forma, os pontos atuais de embate entre judeus e cristãos são discutidos em lugares apropriados — por exemplo, a questão de a evangelização de judeus ser, em princípio, anética é tratada no contexto de 2Coríntios 4.2 (“[...] recusamo-nos a usar métodos vergonhosos e sorrateiros, empregando fraude ou distorção da mensagem de Deus”). A seção 13 (mais adiante) lida de forma breve com alguns tópicos desse gênero, apresentando uma amostra do que os leitores podem esperar de suas páginas.

13. Razões para determinadas preferências na *B’rit Hadashah*

Algumas leituras da *B’rit Hadashah* da *BJC* diferem das encontradas na maior parte das versões do Novo Testamento e possuem implicações teológicas significativas. Ainda que não haja espaço na *BJC* para defender todas as leituras controversas e esboçar suas implicações teológicas, o material a seguir deve demonstrar a existência de sua defesa e constituir uma prévia da argumentação mais completa encontrada no *Jewish New Testament Commentary*. Grande parte desse material é apresentado sob a forma de tópicos no *Manifesto judeu messiânico*,⁶³ ou de sua condensação, *Restoring the Jewishness of the Gospel* [Restaurando a judaicidade do evangelho].⁶⁴

Yeshua completou ou cumpriu a *Torah*? O vocábulo grego comum *plerosai* significa “encher, suprir, ocupar, completar”. Em *Mattityahu* 5.17, a maior parte das traduções verte-o por “cumprir”. As implicações teológicas geralmente apresentadas são que Yeshua cumpriu de tal modo todas as profecias do *Tanakh* a respeito dos judeus que todas já foram realizadas; e que ele satisfizes a *Torah* de maneira perfeita, para que ninguém mais precise obedecê-la hoje. Entretanto, essas conclusões não são consequências lógicas e, de fato, contradizem a declaração de Yeshua de *não* ter vindo para abolir (ou destruir) a *Torah*. Contudo, de caráter fundamental para a tradução é a questão de o verbo *plerosai* neste versículo poder ser traduzido por “cumprir”. O ponto de vista deste tradutor⁶⁵ é que Yeshua veio para *completar* a *Torah* e os pronunciamentos éticos dos Profetas, *suprindo* seu *significado completo*, para que todos possam saber tudo o que a obediência acarreta. Por esse motivo, a *B’rit Hadashah* da *BJC* diz que Yeshua veio “não abolir, mas completar”. De fato, esse é o assunto de todo o Sermão do Monte;⁶⁶ e *Mattityahu* 5.17, entendido dessa forma, consiste na principal declaração. É interessante que esse entendimento concorda com a tradição judaica, segundo a qual, quando o Messias vier, ele explicará passagens obscuras da *Torah* e, de fato, a alterará.

“Ligar” e “desligar”: quem detém a autoridade para determinar a *halakhah*? Em *Mattityahu* 18.18, as palavras gregas geralmente traduzidas por “ligar” e “desligar” são vertidas aqui por “proibir” e “permitir”. Essa preferência reflete a aplicação feita pelos judeus (do século I e.c.) desses conceitos a seus líderes, aos quais concediam autoridade divina para decidir as práticas

⁶³ Rio de Janeiro: Edições Louva-a-Deus, 1989.

⁶⁴ Jerusalem, Israel: Jewish New Testament Publications, 1988.

⁶⁵ V. David H. STERN, *Manifesto judeu messiânico e Restoring the Jewishness of the Gospel*.

⁶⁶ *Mattityahu* [Mt] 5–7

seguidas pela comunidade, isto é, o poder de determinar a *halakhah* (“lei judaica”, ainda que esse significado provenha de um período posterior). Nos versículos 18 a 20, o Messias transfere esse poder dos rabinos para os seus *talmidim* (discípulos). Essa autoridade não foi assumida instantaneamente,⁶⁷ nem adotada mais tarde quando deveria ter acontecido. Contudo, o fato de judeus messiânicos e gentios terem feito, daí em diante, pouco uso dessa autoridade ampla, concedida por Yeshua, não a invalida. Além disso, esse entendimento confere aos versículos 19 e 20 um significado diferente do sustentado pela maioria dos cristãos. Os textos significam que dois ou três líderes messiânicos congregacionais são suficientes para determinar a prática correta (*halakhah* messiânica). A aplicação cristã tradicional é que onde se encontrarem dois ou três crentes orando juntos, Deus os ouve. Mesmo sendo verdadeira essa afirmação, ela não constitui o ponto aqui.

O Messias deu término à *Torah* ou ele é o objetivo dela? Em Romanos 10.4, a *Nova Versão Internacional* apresenta um exemplo típico das demais traduções: “Porque o fim da Lei é Cristo, para a justificação de todo o que crê”. Entretanto, o vocábulo grego *telos*, presente na palavra “teleologia”, em português, geralmente significa “objetivo, propósito, meta”, não “término, fim”. O Messias não trouxe o fim da *Torah*; ao contrário, como verte a *B'rit Hadashah* da BJC: “Porque o objetivo estabelecido pela *Torah* é o Messias, que oferece justiça a todo que deposita sua confiança”. Esse é o ponto estabelecido por Sha’ul em Romanos 9.30–10.13. Por esse motivo, a palavra grega *de*, no início de Romanos 10.6, é vertida por “além disso”, em lugar da conjunção adversativa “mas”; pois esta poderia implicar a existência de duas vias para a justiça — mediante obras (i.e., obedecer à *Torah* à parte da fé, v. 5) e mediante fé (v. 6-10). Contudo, o ponto de Sha’ul nessa passagem, e em todo o livro de Romanos, é que nunca houve para judeus e para gentios mais de um caminho para a justiça, ou seja, confiar em Deus; portanto, a *Torah* está estabelecida na confiança em Deus e, do princípio ao fim, requer-se fé.⁶⁸

O Novo Testamento foi dado como *Torah*. Em Judeus messiânicos [Hebreus] 8.6, a maior parte das traduções revela que a Nova Aliança foi “instituída, baseada” em melhores promessas. Esta seria uma tradução adequada, se o assunto fosse a legislação ateniense ou os decretos romanos. Entretanto, o vocábulo grego usado aqui — *nenomothetetai* — é um composto de *nomos*, que pode significar “lei”, de forma geral; mas no livro de Judeus messiânicos significa, de forma específica, “*Torah*”, e *tithemi*, uma palavra comum com o significado de “pôr” ou “colocar”. A única outra ocorrência de *nenomothetetai* no Novo Testamento dá-se em 7.11, passagem sobre a qual há concordância sobre a outorga da *Torah* no monte Sinai, bem como as palavras correlatas *nomothesia* (Romanos 9.4) e *nomothetes* (*Ya’akov* [Tg] 4.12).

Por isso, a *B'rit Hadashah* da BJC diz que a Nova Aliança “foi dada como *Torah* com base em melhores promessas”. Isso não apenas fortalece a alegação da relevância da *Torah*, mas também torna a Nova Aliança outorgada por Yeshua na *Torah* no mesmo sentido em que a aliança no Sinai foi concedida por Mosheh.

⁶⁷ V. *Mattityahu* [Mt] 23.2.

⁶⁸ Romanos 1.16,17. Para mais informação sobre o assunto, v. Daniel P. FULLER, *Gospel and Law: Contrast or Continuum?* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1980), além do cap. 5 do **Manifesto judeu messiânico**, mencionado anteriormente.

“Obras da Lei” e “debaixo da Lei”: a *Torah* é legalista? As expressões gregas *erga nomou* e *hypo nomon* foram criadas por Sha’ul e usadas por ele em três cartas — Romanos, Gálatas e 1 Coríntios; cada uma delas aparece dez vezes no Novo Testamento. Elas são geralmente traduzidas, respectivamente, por “obras da Lei” e “debaixo da Lei”. A inferência produzida por elas no leitor é que a *Torah* é má, e que se pautar segundo os moldes da obediência à *Torah* é algo mau. A *B’rit Hadashah* da *BJC*, seguindo o comentário de Cranfield,⁶⁹ interpreta essas expressões não como referências à própria *Torah*, mas à sua perversão legalista realizada por homens. Portanto, *erga nomou* é vertido por “guarda legalista dos mandamentos da *Torah*”, e *hypo nomon*, por “em sujeição ao sistema resultante da perversão da *Torah* em legalismo”. O leitor pode, então, inferir corretamente que, de acordo com o ensino de Sha’ul no Novo Testamento, o legalismo — quer judeu, quer cristão, quer outro — é mau, mas viver de acordo com a *Torah* de Deus é bom.

A terra de Israel na Nova Aliança. A expressão grega *he ge*, é geralmente traduzida por “a terra”; mas em 18 passagens no Novo Testamento ela se refere à terra de Israel. Duas são explícitas: *Mattityahu* 2.20,21 denomina a Terra Santa “*Eretz-Yisra’el* (a terra de Israel)”. Quatro são citações do *Tanakh*: *Mattityahu* [Mt] 5.5 (*Tehillim* [Sl] 37.11), *Mattityahu* [Mt] 24.30 e Revelação [Ap] 1.7 (*Z’kharyah* [Zc] 12.10-14), e Efésios 6.3 (*D’varim* [Dt] 5.17). Cinco são baseadas no *Tanakh*: Lucas 4.25 e *Ya’akov* [Tg] 5.17,18 (*M’lakhim Alef* [1Rs] 17.1; 18.1,41-45), Judeus messiânicos [Hb] 11.9 (*B’reshit* [Gn] 12; 13; 15; 20; 23) e Revelação [Ap] 20.9 (*Yechezk’el* [Ez] 38; 39). As oito restantes são inferidas pelo contexto: *Mattityahu* [Mt] 5.13; 10.34; 27.45; Marcos 15.33; Lucas 12.51; 21.23; 23.44; e Revelação [Ap] 11.10. Na época em que muitos teólogos cristãos subscrevem a “teologia da substituição” (segundo a qual a igreja substituiu os judeus como povo de Deus) na tentativa de provar que a terra de Israel não é mais prometida por Deus ao povo judeu, é importante considerar que a terra de Israel, física, desempenha um papel significativo no Novo Testamento em relação à apresentação do plano divino para os judeus, em particular, e para a humanidade em geral, no passado, no presente e no futuro.

14. Profecias do *Tanakh* cumpridas por Yeshua, o Messias

Conforme a menção na seção 11, a evidência mais convincente da identidade de Yeshua como Messias de Yisra’el diz respeito ao número de profecias do *Tanakh* cumpridas por ele em sua primeira vinda. Segue-se uma lista parcial dessas profecias messiânicas, com a localização, no Novo Testamento, de seu cumprimento por Yeshua.

O espaço não permite demonstrar como cada profecia deve ser entendida referindo-se a Yeshua, o Messias. Diversos livros apresentam o assunto em detalhes, mencionando outras profecias do *Tanakh* que apontam para Yeshua.⁷⁰

Além das profecias, existem incidentes no *Tanakh* que funcionam como figuras futuras, ou “tipos”, de Yeshua. O que se conhece no judaísmo por *akedah* [“amarracão”], o quase sacrifício

⁶⁹ CRANFIELD, C. E. B. *International Critical Commentary: The Epistle to the Romans*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1979. p. 853.

⁷⁰ V. o apêndice VII de *The Life and Times of Jesus the Messiah*, 2. ed. (New York: Anson D. F. Randolph Company, 1884), escrito pelo judeu messiânico Alfred Edersheim, no qual uma lista de 456 passagens do *Tanakh* é aplicada ao Messias por antigos escritos rabínicos, apoiadas por 558 citações de seus escritos. V. tb. Barton PAYNE, *Enciclopedia of Biblical Prophecy* (New York: Harper & Row, 1973).

de Yitz'chak realizado por Avraham, é explicitamente denominado um tipo de Yeshua, o Messias, em Judeus messiânicos [Hb] 11.17-19. A vida de Yosef oferece outro exemplo: seus irmãos tentaram matá-lo; entretanto, posteriormente, ele os salvou da morte, ainda que, a princípio, não o tenham reconhecido. Isso não significa que *B'reshit* [Gn] 22 contenha a “profecia” de que Yeshua seria ressuscitado dentre os mortos, ou que *B'reshit* [Gn] 37—45 prediga a rejeição inicial do Salvador pelo povo judeu como nação. Ao contrário, a passagem demonstra que o plano divino de salvação descortinado na história possui uma unidade determinada por Deus, desde o princípio até a consumação, em Yeshua, o Messias. De fato, o próprio Yeshua explicou-o dessa forma a dois de seus *talmidim*.⁷¹

PROFECIA O Messias deve	FONTE No <i>Tanakh</i>	CUMPRIMENTO na <i>B'rit Hadashah</i>
Ser a “semente da mulher” que “esmagaria” a “cabeça” da serpente.	<i>B'reshit</i> [Gn] 3.15	Gálatas 4.4; <i>Yochanan</i> [1 Jo] 3.8
Ser a “semente de Avraham”.	<i>B'reshit</i> [Gn] 12.3	<i>Mattityahu</i> [Mt] 1.1; Atos 3.25; Gálatas 3.16
Ser a “semente de Yitz'chak”.	<i>B'reshit</i> [Gn] 17.19; 21.12	<i>Mattityahu</i> [Mt] 1.2; Lucas 3.34; Judeus messiânicos [Hb] 11.17-19
Ser a “semente de Ya'akov” e a “estrela de Ya'akov” que “terá domínio”.	<i>B'reshit</i> [Gn] 28.14; <i>B'midbar</i> [Nm] 24.17,19	<i>Mattityahu</i> [Mt] 1.2; Lucas 3.34; Revelação [Ap] 22.16
Descender de Y'hudah.	<i>B'reshit</i> [Gn] 49.10	<i>Mattityahu</i> [Mt] 1.2,3; Lucas 3.33; Judeus messiânicos [Hb] 7.14
Descender de David e herdar seu trono.	<i>Sh'mu'el Bet</i> [2Sm] 7.12,13; <i>Yeshu'yahu</i> [Is] 9.6(7); 11.1-5; <i>Yirmeyahu</i> [Jr] 23.5	<i>Mattityahu</i> [Mt] 1.1,6; Atos 11.23; Romanos 1.4
Existir eternamente.	<i>Mikhah</i> [Mq] 5.1(2)	<i>Yochanan</i> [Jo] 1.1,14; 8.58; Efésios 1.3,4; Colossenses 1.15-19; Revelação[Ap] 1.18
Ser o Filho de Deus.	<i>Tehillim</i> [Sl] 2.7; <i>Mishlei</i> [Pv] 30.4	<i>Mattityahu</i> [Mt] 3.17; Lucas 1.32

⁷¹ Lucas 24.25-27

PROFECIA O Messias deve	FONTE No <i>Tanakh</i>	CUMPRIMENTO na <i>B'rit Hadashah</i>
Ter o nome divino, <i>Yud-Heh-Vav-Heh</i> , aplicado a si mesmo.	<i>Yesha'yahu</i> [Is] 9.5,6(6,7); <i>Yirmeyahu</i> [Jr] 23.5,6	Romanos 10.9; Filipenses 2.9-11
Vir em um tempo específico, ou seja, 69 x 7 anos (483 anos), após a reconstrução do muro de Yerushalayim.	<i>Dani'el</i> [Dn] 9.24-26	<i>Mattityahu</i> [Mt] 2.1,16,19; Lucas 3.1,23
Nascer de uma virgem. ⁷²	<i>Yesha'yahu</i> [Is] 7.14	<i>Mattityahu</i> [Mt] 1.18— 2.1; Lucas 1.26-35
Nascer em Beit-Lechem, em Y'hudah.	<i>Mikhah</i> [Mq] 5.1(2)	<i>Mattityahu</i> [Mt] 2.1; Lucas 2.4-7
Ser adorado por pessoas importantes.	<i>Tehillim</i> [Sl] 72.10,11	<i>Mattityahu</i> [Mt] 2.1-11
Ser precedido por um arauto.	<i>Yesha'yahu</i> [Is] 40.3- 5; <i>Mal'akhi</i> [Ml] 3.1	<i>Mattityahu</i> [Mt] 3.1- 3; Lucas 1.17; 3.2-6
Ser ungido com o Espírito de Deus.	<i>Yesha'yahu</i> [Is] 11.2; 61.1; <i>Tehillim</i> [Sl] 45.8(7)	<i>Mattityahu</i> [Mt] 3.16; <i>Yochanan</i> [Jo] 3.34; Atos 10.38
Ser um profeta como Mosheh.	<i>D'varim</i> [Dt] 18.15,18	Atos 3.20-22
Possuir o ministério de animar os quebrantados, proclamar liberdade aos cativos e anunciar o ano aceitável do Senhor.	<i>Yesha'yahu</i> [Is] 61.1,2	Lucas 4.18,19
Possuir um ministério de cura.	<i>Yesha'yahu</i> [Is] 35.5,6; 42.18	<i>Mattityahu</i> [Mt] 11.5; por todos os Evangelhos
Ministrar na Galil.	<i>Yesha'yahu</i> [Is] 8.23—9.1(9.1,2)	<i>Mattityahu</i> [Mt] 4.12-16
Ser gentil e compassivo.	<i>Yesha'yahu</i> [Is] 40.11; 42.3	<i>Mattityahu</i> [Mt] 12.15,20; Judeus messiânicos [Hb] 4.15

⁷² A palavra hebraica *'almah*, em *Yesha'yahu* [Is] 7.14, significa “jovem”, e no *Tanakh* possui sempre o significado de “jovem de reputação ilibada”, razão pela qual os tradutores judeus da *Septuaginta*, a versão grega do *Tanakh*, preparada duzentos anos antes do nascimento de Yeshua, verteram essa palavra pela equivalente grega *parthenos* (“virgem”). Esta é a palavra usada em *Mattityahu* [Mt] 1.23.

PROFECIA O Messias deve	FONTE No <i>Tanakh</i>	CUMPRIMENTO na <i>B'rit Hadashah</i>
Ser humilde e discreto.	<i>Yesha'yahu</i> [Is] 42.2	<i>Mattityahu</i> [Mt] 12.15,16,19
Ser impecável e não enganar.	<i>Yesha'yahu</i> [Is] 53.9	<i>1Kefa</i> [1Pe] 2.22
Suportar a culpa de outras pessoas.	<i>Yesha'yahu</i> [Is] 53.12; <i>Tehillim</i> [Sl] 69.10	Romanos 15.3
Ser sacerdote.	<i>Tehillim</i> [Sl] 110.4	Judeus messiânicos [Hb] 5.5,6; 6.20; 7.15-17
Entrar publicamente em Yerushalayim, montado em um jumento.	<i>Z'kharyah</i> [Zc] 9.9	<i>Mattityahu</i> [Mt] 21.1-11; Marcos 11.1-11
Entrar no templo e demonstrar autoridade.	<i>Hagai</i> [Ag] 2.7-9; <i>Ma'lakhi</i> [Ml] 3.1	<i>Mattityahu</i> [Mt] 21.12—24.1; Lucas 2.27-38,45-50; <i>Yochanan</i> [Jo] 2.13-22
Ser odiado sem motivo.	<i>Yesha'yahu</i> [Is] 49.7; <i>Tehillim</i> [Sl] 69.5(4)	<i>Yochanan</i> [Jo] 15.24,25
Ser indesejado e rejeitado pelo próprio povo.	<i>Yesha'yahu</i> [Is] 53.2; 63.3,5; <i>Tehillim</i> [Sl] 69.9(8)	Marcos 6.3; Lucas 9.58; <i>Yochanan</i> [Jo] 1.11; 7.3-5
Ser rejeitado pela liderança judaica.	<i>Tehillim</i> [Sl] 118.22	<i>Mattityahu</i> [Mt] 21.42; <i>Yochanan</i> [Jo] 7.48
Ser vítima de um complô perpetrado conjuntamente por judeus e gentios.	<i>Tehillim</i> [Sl] 2.1,2	Atos 4.27
Ser traído por um amigo.	<i>Tehillim</i> [Sl] 41.10(9); 55.13-15(12-14)	<i>Mattityahu</i> [Mt] 26.21-25, 47-50; <i>Yochanan</i> [Jo] 13.18-21; Atos 1.16-18
Ser vendido por 30 moedas de prata.	<i>Z'kharyah</i> [Zc] 11.12	<i>Mattityahu</i> [Mt] 26.15
Ser vendido pelo preço equivalente ao campo de um oleiro.	<i>Z'kharyah</i> [Zc] 11.13	<i>Mattityahu</i> [Mt] 27.7

PROFECIA O Messias deve	FONTE No <i>Tanakh</i>	CUMPRIMENTO na <i>B'rit Hadashah</i>
Ser abandonado por seus <i>talmidim</i> .	<i>Z'kharyah</i> [Zc] 13.7	<i>Mattityahu</i> [Mt] 26.31,56
Ter a face espancada.	<i>Mikhah</i> [Mq] 4.14(5.1)	<i>Mattityahu</i> [Mt] 27.30
Receber cusparadas.	<i>Yesh'a'yahu</i> [Is] 50.6	<i>Mattityahu</i> [Mt] 26.67; 27.30
Ser alvo de zombarias.	<i>Tehillim</i> [Sl] 22.8,9(7,8)	<i>Mattityahu</i> [Mt] 26.67,68; 27.31,39-44
Ser espancado.	<i>Yesh'a'yahu</i> [Is] 50.6	<i>Mattityahu</i> [Mt] 26.67; 27.26,30
Ser executado por crucificação, tendo os pés e as mãos traspassados. ⁷³	<i>Tehillim</i> [Sl] 22.17(16); <i>Z'kharyah</i> [Zc] 12.10	<i>Mattityahu</i> [Mt] 27.35; Lucas 24.39; <i>Yochanan</i> [Jo] 19.18,34-37; 20.20-28; Revelação[Ap] 1.7
Sentir sede durante a execução.	<i>Tehillim</i> [Sl] 22.16(15)	<i>Yochanan</i> [Jo] 19.28
Receber vinagre para saciar a sede.	<i>Tehillim</i> [Sl] 69.22(21)	<i>Mattityahu</i> [Mt] 27.34
Ser executado sem ter nenhum osso quebrado.	<i>Sh'mot</i> [Êx] 14.26; <i>Tehillim</i> [Sl] 34.21(20)	<i>Yochanan</i> [Jo] 19.33-36
Ser considerado transgressor.	<i>Yesh'a'yahu</i> [Is] 53.12	<i>Mattityahu</i> [Mt] 27.3; Lucas 23.32
Ser “cortado, mas não por si mesmo!”, 69 x 7 anos após a reconstrução do muro de Yerushalayim.	<i>Dani'el</i> [Dn] 9.24-26	Romanos 5.16; <i>IKefa</i> [1Pe] 3.18
Ser a pessoa cuja morte faria a expiação dos pecados da humanidade.	<i>Yesh'a'yahu</i> [Is] 53.5-7,12	Marcos 10.45; <i>Yochanan</i> [Jo] 1.29; 3.16; Atos 8.30-35

⁷³ A *Septuaginta* (v. n. 72) verte: “Traspassaram minhas mãos e meus pés”, ao interpretar a palavra *karu* (כָּרַו) com base em seu texto-fonte. O texto massorético hebraico, aceito como padrão pelo judaísmo tradicional, apresenta a expressão *k'ari* (כָּאֵרִי), assim entendida: “como um leão, minhas mãos e meus pés”. V. seção 8, sexto parágrafo.

PROFECIA O Messias deve	FONTE No <i>Tanakh</i>	CUMPRIMENTO na <i>B'rit Hadashah</i>
Ser sepultado com os ricos após a morte.	<i>Yesh'a'yahu</i> [Is] 53.9	<i>Mattityahu</i> [Mt] 27.57-60
Levantar-se dentre os mortos.	<i>Yesh'a'yahu</i> [Is] 53.9,10; <i>Tehillim</i> [SI] 2.7; 16.10	<i>Mattityahu</i> [Mt] 28.1-20; Atos 2.23-36; 13.33-37; 1Coríntios 11.4-6
Ascender à mão direita de Deus.	<i>Tehillim</i> [SI] 16.11; 68.19(18); 110.1	Lucas 24.51; Atos 1.9-11; 7.55; Judeus messiânicos [Hb] 1.3
Exercer seu ofício sacerdotal no céu.	<i>Z'kharyah</i> [Zc] 6.13	Romanos 8.34; Judeus messiânicos [Hb] 7.25—8.2
Ser a pedra principal da comunidade messiânica de Deus.	<i>Yesh'a'yahu</i> [Is] 28.16; <i>Tehillim</i> [SI] 118.22,23	<i>Mattityahu</i> [Mt] 21.42; Efésios 2.20; <i>1Kefa</i> [1Pe] 2.5-7
Ser visto posteriormente, tanto por gentios quanto por judeus.	<i>Yesh'a'yahu</i> [Is] 11.10; 42.1	Atos 10.45; 13.46-48
Ser aceito pelos gentios.	<i>Yesh'a'yahu</i> [Is] 11.10; 42.1-4; 49.1-12	<i>Mattityahu</i> [Mt] 12.21; Romanos 9.30; 10.20; 11.11; 15.10
Ser o Rei.	<i>Tehillim</i> [SI] 2.6	<i>Yochanan</i> [Jo] 18.33,37
Que Israel o veja traspassado.	<i>Z'kharyah</i> [Zc] 12.10; <i>Tehillim</i> [SI] 22.17(16)	Lucas 24.39; <i>Yochanan</i> [Jo] 19.34-37; Revelação [Ap] 1.7

15. Uso sinagoga da *Bíblia Judaica Completa*

Leitura da *Torah*, dos Profetas e da *B'rit Hadashah* na sinagoga. Todas as manhãs de sábado, nas sinagogas de todo o mundo, os rolos da *Torah* são cerimonialmente retirados da arca, carregados pelos corredores para serem tocados com reverências pelas pessoas congregadas (um costume que simboliza a devoção à Palavra de Deus), e, então, colocados sobre a *bimah* (púlpito). Sete pessoas são chamadas para recitar as bênçãos anteriores e posteriores à leitura do texto sagrado da *Torah*, em hebraico, feitas por esses indivíduos ou por leitores mais experientes que eles. A prática da leitura pública da *Torah* vem desde os dias de 'Ezrah (Esdras),⁷⁴ se não

⁷⁴ *Nechemyah* [Ne] 8.1

for dos dias do rei Y'hoshafat (Josafá)⁷⁵ ou do rei Yoshiyahu (Josias);⁷⁶ prática atestada também pela *B'rit Hadashah*.⁷⁷ A porção (*parashah*) lida a cada semana (entre um e seis capítulos) não é escolhida a esmo; ela integra uma sequência estabelecida de antemão, ligada ao calendário judaico. Leem-se 54 *parashot* subsequentes, começando por *B'reshit* (Gênesis) 1, no feriado do outono de *Simchat-Torah* (Alegria da *Torah*), e terminando em *D'varim* (Deuteronômio) 34, na festa de *Simchat-Torah* do ano seguinte, no momento em que, com grande alegria, o outro rolo da *Torah* é aberto e lê-se novamente *B'reshit* 1.

Além disso, a leitura da Bíblia não termina com a porção da *Torah*. Depois dela, lê-se uma seção dos Profetas relacionada ao texto; ela é chamada *haftarah* (conclusão), por completar a leitura prescrita para a sinagoga. A *B'rit Hadashah* relata que Yeshua foi convidado para ler a *haftarah*, em Natzeret (Nazaré), na semana em que o texto procedia do livro de *Yehsha'yahu* (Isaías), e ele a aplicou com ousadia a si mesmo.⁷⁸ Muito tempo atrás, era feita também a leitura da seção dos Escritos, mas esse costume desapareceu.

Ser chamado à *bimah* para a leitura da *Torah* é uma honra. A palavra hebraica para esse convite é '*aliyah* ("subida"); esse mesmo vocábulo é usado hoje para designar a "imigração para Israel" (pois o regresso de um judeu à terra outorgada a seu povo por Deus é uma "elevação" espiritual). A primeira '*aliyah* é dada a um *kohen* (sacerdote), caso haja algum deles presente; a segunda '*aliyah* é dada a um *levi* (levita), e as demais a qualquer judeu. O '*oleh* (pessoa chamada para uma '*aliyah*) recita uma bênção, põe-se junto à *bimah*, enquanto ela ou o *ba'al-koreh* (o mestre leitor, pronuncia-se báal-corê) lê o pergaminho; a seguir, recita as bênçãos após a leitura, permanece em pé ali durante a '*aliyah* seguinte, cumprimenta todos os que estão próximos e volta para o seu lugar. No judaísmo ortodoxo, apenas homens recebem '*aliyot*; no judaísmo conservador e liberal, chamam-se homens e mulheres.

Como a BJC provê as informações necessárias à leitura pública da Bíblia na sinagoga, a cada *shabbat*. Excetuando-se as datas do calendário judaico, a BJC contém todas as informações necessárias para a organização ou o seguimento das leituras da *Torah* e dos Profetas para o uso na sinagoga. Além disso, apresento sugestões de leituras da *B'rit Hadashah* relacionadas à *parashah* de cada semana. Eu as escolhi pelo fato de elas citarem o texto da *parashah*, de lhe fazerem alusão ou lidarem com o mesmo assunto. Pelo fato de o judaísmo messiânico encontrar-se no estágio inicial e não contar com a "prescrição de leituras", sugeri mais material que o estritamente necessário. As congregações podem escolher a que julgarem de tamanho mais apropriado ou substituírem-na por outra passagem que considerarem mais adequada.

No início de cada *parashah*, a BJC apresenta seu nome e as passagens bíblicas abrangidas por ela. Como os próprios livros do *Tanakh*, cada *parashah* recebe o nome de acordo com suas primeiras palavras (acompanhadas da tradução em português). Ao final de cada *parashah*, apresentam-se as leituras indicadas para a *haftarah* e a *B'rit Hadashah*.

Em cada porção da *Torah* existe a indicação não abreviada, com caracteres em negrito e itálico, dos números "**dois**" a "**sete**", para indicar o início de cada uma das '*aliyot* (a primeira

⁷⁵ *Divrei-HaYamim Bet* [2Cr] 17.9

⁷⁶ *Melakhim Bet* [2Rs] 22.8–23.3

⁷⁷ Atos 13.14,15

⁷⁸ Lucas 4.16-30

‘*aliyah* principia no início da *parashah*). Perto do final da sétima ‘*aliyah*, encontra-se a palavra “*Maftir*”; o leitor da *haftarah* dá início à leitura dos versículos finais da porção da *Torah* e, em seguida, lê a porção dos Profetas, de uma edição impressa da Bíblia.

As leituras prescritas diferem um pouco entre as comunidades de judeus asquenazes (europeus) e sefardis (do Oriente Médio e do norte da África); quando necessário, as letras *A* (de asquenaze) e *S* (de sefardi) indicam as diferenças.

O calendário judaico também desempenha seu papel. Ele é lunissolar: os meses são lunares, mas o ano é solar. Pelo fato de o mês lunar contar com 29 ou 30 dias, 12 meses alunares perfazem 354 dias. Para evitar que o ano se movimente por entre as estações (como ocorre com o calendário islâmico), existe um sistema de anos irregulares; no entanto, o ano irregular não recebe a adição de apenas um dia, mas sim de um mês completo. Isso ocorre sete vezes a cada conjunto de dezoito anos — ou seja, a cada dois ou três anos, acrescenta-se o “segundo mês de *adar*” no início da primavera. Assim, nos anos irregulares, há quatro ou cinco *shabbatot* a mais; então, nos anos irregulares, leem-se todas as 54 *parashot* separadamente, mas nos anos regulares, com apenas 50 *shabbatot*, algumas delas são lidas em conjunto. Os ajustes necessários são indicados, quando preciso, pelas siglas *AR* (para o ano regular) e *AI* (para o ano irregular).

Adaptações messiânicas. No final das *parashot* 2, 48 e 49, inclui uma “adaptação messiânica” para a leitura prescrita da *haftarah*. Por motivos inconclusivos (algumas pessoas especulam sobre a forma de ser evitada uma passagem do *Tanakh* que profetiza com mais clareza sobre Yeshua, o Messias), os rabinos da Antiguidade não selecionaram a passagem de *Yeshu‘yahu* [Is] 52.13—53.12, como leitura da *haftarah*. As passagens que a antecedem e sucedem estão incluídas, mas não essa. Posso afirmar que essa escolha expressa, com segurança, a vontade e o discernimento espiritual da comunidade judaica messiânica em prol da não exclusão dessa passagem das *haftarot* lidas na sinagoga.

Leituras para os feriados judaicos. Existem também leituras da *Torah* e da *haftarah* indicadas para todos os feriados bíblicos e para alguns feriados judaicos e dias de jejum. Elas se encontram alistadas na parte final deste livro (Leituras bíblicas para festas e jejuns), também com a sugestão de leituras da *B’rit Hadashah* e com algumas “adaptações messiânicas” de duas *haftarot*. Sugeri, além disso, que a leitura da *Torah* para o *Yom Kippur* inclua *Vayikra* [Lv] 17 (por causa do versículo 11), e que a *haftarah* para *Tish‘ah B’Av* acrescente *Z’kharyah* [Zc] 12.

O número de ‘*aliyot* é diferente nos feriados. Na manhã do *Yom Kippur*, fazem-se seis ‘*aliyot* (caso a data não caia no *shabbat*; se acontecer isso, serão sete). Em *Rosh-HaShanah* e nas três festas (*Sukkot*, *Pesach* e *Shavu‘ot*), apenas cinco. Em *Rosh-Hodesh* (lua nova, início do mês) e *Hol-HaMo‘ed* (dias intermediários entre as festas de *Sukkot* e *Pesach*) são quatro ‘*aliyot*. Na tarde do *Yom Kippur*, são apenas duas e o *maftir*.

Bênçãos que antecedem e sucedem a leitura da *B’rit Hadashah*. As bênçãos relativas à leitura da *Torah* e da *haftarah* podem ser encontradas em qualquer *siddur* (livro judaico de oração). Faça, a seguir, a sugestão de uma oração para antes da leitura da *B’rit Hadashah*, e de outra, para depois de sua conclusão.

Antes da leitura:

Barukh atah ADONAI Eloheinu melekh-ha'olam, asher natan lanu et Yeshua binkha k'meshichenu goalenu moshi'enu kapporatenu va'adonenu, ve'et sifrei b'rit hechadashah le'amenu ulekhoh ha'amim. Barukh atah ADONAI noten yeshu'ah b'Yeshua HaMashiach.

Bendito sejas, *ADONAI*, nosso Deus, Rei do Universo, que nos deste Yeshua, teu Filho, como nosso Messias, nosso redentor, nosso Salvador, nossa expiação e nosso Senhor, e [que deste] os livros da Nova Aliança ao nosso povo e a todos os povos. Bendito sejas, *ADONAI*, que concedes salvação em Yeshua, o Messias.

Depois da leitura:

Barukh atah ADONAI Eloheinu melekh-ha'olam, asher natan et d'varkha hatanakh vab'rit hechadashah lekhoh b'nei-adam. Barukh atah ADONAI mevi et hago'el Yeshua lema'an sh'mo b'ahavah.

Bendito sejas, *ADONAI*, nosso Deus, Rei do Universo, que deste tua Palavra: o *Tanakh* e a Nova Aliança a todos os seres humanos. Bendito sejas, *ADONAI*, que trouxeste o redentor, Yeshua, em amor, por causa do teu nome.

16. Como pronunciar nomes e expressões hebraicos

Na parte final deste livro, encontra-se o “Glossário com explicações de pronúncia”; ele ensina a pronunciar e acentuar nomes e termos hebraicos, apresenta as formas comuns em português e a tradução dos vocábulos. A página inicial sumariza o sistema de transliteração usado do hebraico para o português.

Na parte final, há também o “Glossário invertido” de alguns nomes e termos mais comuns em português; com ele, o leitor aprenderá que, nas versões bíblicas de nosso idioma, a pessoa chamada Isaque é conhecida por Yitz'chak, na *BJC*; que Maria é chamada Miryam; e que o verbo “crucificar” é vertido por “executar em uma estaca (como criminoso)”.

Algumas pessoas que fizeram uso do *Novo Testamento Judaico* reclamaram por não se sentirem à vontade ao ter de lidar com seu nível de conhecimento de hebraico. Portanto, nesta seção, farei o que puder para ajudar os leitores a pronunciar a língua hebraica de forma correta. Ainda que alguns a achem tediosa, outros apreciarão a atenção que dou ao assunto. Esse é o tipo de assunto ao qual se pode retornar sempre que necessário.

A transliteração usada por mim nos nomes e termos equivale à pronúncia atual dos israelenses. Existe outra forma, mais acadêmica, de transliterar, mas não a utilizei pelo grande número de sinais que as pessoas considerariam estranhos, servindo apenas para aumentar a confusão. Segue a explicação do sistema que adotei:

Vogais. As vogais são pronunciadas como se escrevem:

Vogal	Pronúncia	Exemplo em hebraico
a	como em “casa” (sempre á, nunca â, ou ã)	Adam (á- dám)
ai	como em “pai” (sempre ái)	Hagai (Rá- gái) El Shaddai (êl-chad- dái)
e	como em “vê” (sempre ê, nunca é)	Hesed (Rê -ssêd) Peretz (Pê -retz)
ei	como em “direito” (sempre ei)	Ein-Gedi (‘ein- guê -di) Beit-Lechem (bêit- lê -rrêem)
i	como em “pia”	Shitim (chi- tím)
o	como em “bolo” (sempre ô, nunca ó)	Gat-Rimmon (gát-ri- môn) Dor (dôr)
u	como em “uva”	Hizkiyahu (Riz-qui-íá- rru) Beit-Tzur (bêit-tzur)

Faço uso do apóstrofo de duas maneiras: para representar a vogal *sh’va* (:) e a consoante *alef* (ס — confira o parágrafo seguinte). O *sh’va* é a vogal “e” pronunciada sem tônica. Assim, o nome hebraico G’rar é pronunciado guerár (quase grar). Y’hudah deve ser pronunciado ierrudá (ainda que alguns o pronunciem como iudá).

Consoantes. As consoantes precisam de um pouco mais de atenção:

- ’ Como afirmei, o apóstrofo representa a letra hebraica *alef* (ס) e o som vocálico *sh’va* (:). O *alef* é contado como consoante; contudo, é mais bem descrito como uma pausa entre dois sons. No nome “Pa’ran”, o *alef* separa as sílabas (pá-*pausa*-rán), não as une. No nome “Eli’el”, também aplica-se a pausa (ê-li- -pausa-êl; e não se diz elhel). O mesmo vale para “Natan’el”: pronuncia-se ná-tán-*pausa*-êl, não nátánêl). Para facilitar a leitura, deixei de marcar com o apóstrofo todas as palavras iniciadas pelo *alef*. Um apóstrofo ao contrário (‘) é usado para destacar todas as palavras que contêm a letra hebraica ‘*ayin* (צ) (no começo ou no meio da palavra).
- ‘ O apóstrofo ao contrário representa a consoante ‘*ayin* (צ) (pronunciada ‘á-yin). Trata-se de uma parada da glote, um som sem equivalente na língua portuguesa ou nas línguas europeias modernas. O som é produzido no fundo da garganta. Em português, ele é representado algumas vezes pela consoante “g” como em “Faixa de Gaza” ou “Gomorra”; contudo, trata-se de uma representação equivocada. Os falantes de árabe conseguem reproduzi-lo com facilidade, mas os ocidentais, não. No entanto, caso não consiga pronunciá-lo, proceda como no caso do *alef* e dê uma pausa. A bem da verdade, muitos israelenses não fazem nada melhor que isso.
- h, ch representam as letras *heh* (ה) e *het* (ח). A letra *heh* sempre é representada por “h” (ela é o equivalente à pronúncia dessa letra na língua inglesa como em house, horse, home). No final de qualquer palavra, o “h” torna-se mudo. A palavra *halleluyah* contém as duas pronúncias do *heh*. Já o *het* pode causar um pouco de dificuldade. Seu som é gutural, como o “ch” alemão de Bach ou o “j” castelhano de Juan, mais forte que o “rr” de carro ou o “r” inicial de “rato”. No início da palavra, o *het* é transliterado como um simples “h”, ao passo que, no meio ou no final de qualquer palavra, sua transliteração passa

- para “ch”, como em *Beit-Lechem* (a pronúncia correta é bêit-lêrrem). Na *BJC*, portanto, o *heh* e o *het* inicial recebem a mesma transliteração, ainda que os sons sejam distintos.
- kh representa a letra *khaf* (כּ). Sua pronúncia é idêntica à de *het* (como o “ch” alemão de Bach ou o “j” castelhano de Juan).
- k representa duas consoantes hebraicas: *kaf* (כּ) e *kuf* (כּף). O som é sempre o de casa, queijo, quilo, cômoda, cubo.
- g representa a letra *gimel* (גּ). Sua pronúncia não é idêntica à de “j”, mas sempre semelhante a **gato**, **guepardo**, **guia**, **gosto**, **guru**. (O próprio nome da letra é pronunciado **gui**-mêl.)
- v, b a letra “v” representa tanto o *vav* (וּ) quanto o *vet* (בּ), ao passo que “b” representa o *bet* (בּ).
- p, f a letra “p” representa a consoante *peh* (פּ), e “f” representa o *feh* (פּה).
- z, tz a letra “z” representa a letra *zayin* (זּ); e “tz” equivale ao som do “zz” da palavra italiana *pizza*, e representa a consoante hebraica *tzadeh* (צּ).
- r representa o *resh* (רּ), pronunciado no Estado de Israel de forma muito semelhante ao “r” francês. Em português, a pronúncia aproximada é o som de “rr”, como em *arranque*, *recheio*, *risada*, *bairro*, *rua*.⁷⁹
- s representa as letras *samekh* (סּ) e *sin* (שּׁ); o som de ambas sempre é idêntico ao “s” em “sapato”, “pêssego”, “sílabas”, “assoprar”, “subir”. (Ele jamais deve ser pronunciado como o “s” intervocálico — que possui o som igual ao de “z”.)
- sh as duas letras juntas representam a consoante *shin* (שּׁן), que tem o som de “ch” ou “x” das palavras “xarope”, “cheiro”, “xícara”, “xodó” e “chuchu”.
- t representa as letras *tet* (טּ) e *tav* (תּ).

Acentuação. A maior parte das palavras hebraicas usadas neste livro é oxítone (o acento recai sobre a última sílaba). No entanto, todos os casos encontram-se no “Glossário com explicações de pronúncia”.

17. Como usar a *Bíblia Judaica Completa*

Nesta seção, explicarei certas convenções adotadas na *BJC* e descreverei alguns auxílios para o leitor.

Nomes e termos semitas. Os termos hebraicos e aramaicos (incluindo os nomes divinos) são apresentados em letras em *italico* (*bat-kol*, *El ‘Elyon*); no entanto, nomes pessoais e de lugares (de origem semita) não recebem esse destaque (Shlomoh, Ashdod). Por isso, lê-se tanto Levi (a pessoa com esse nome) quanto *levi* (levita, descendente de Levi).

Notas textuais. Nesta edição da *BJC*, a discussão de questões textuais é mínima. Cerca de 20 passagens da *B’rit Hadashah* consideradas inautênticas pela maioria dos estudiosos (nenhuma delas com o tamanho maior que o de dois versículos) estão ausentes do texto e foram colocadas no rodapé das páginas. Três passagens — *Mattityahu* [Mt] 6.13b, Marcos 16.9-20 e *Yochanan*

⁷⁹ No entanto, o *resh* é pronunciado pelos judeus fora de Israel como o “r” das palavras “arara”, “careta”, “berilo”, “caro” e “urubu” (tanto por asquenazes quanto por sefardis). [N. do T.]

[Jo] 7.53—8.11 — foram incluídas no texto, mas receberam uma sucinta nota de rodapé com a explicação do problema textual. No *Tanakh*, há menos questões dessa natureza. Esta edição quase não apresenta variantes textuais ou leituras alternativas.

Interpolações do tradutor. Em pouquíssimas passagens, existem interpolações explicativas inseridas pelo tradutor, apresentadas entre colchetes, para significar a ausência de termos correspondentes no original (por exemplo, *Mattiyahu* [Mt] 1.21, 6.23). Explicações de caráter semelhantes encontradas no texto original aparecem, geralmente, entre parênteses (por exemplo, *Mattiyahu* [Mt] 1.23). Certas palavras ou expressões do texto grego original são representadas por traduções “expandidas”,⁸⁰ mas, por motivos filosóficos,⁸¹ elas não são destacadas do resto da tradução. Existem passagens na *BJC*, especialmente no *Tanakh*, traduzidas de forma tão livre que algumas pessoas são de opinião de que elas deveriam ser apresentadas entre colchetes. É claro que em assuntos como esses as opiniões são diversificadas; em todo caso, o leitor já está informado.

Outras características. A seguir, um resumo dos vários tipos de ajuda encontrados na parte final do livro:

Três tabelas de livros da Bíblia (p. 7-11). No início do livro, no sumário, constam três tabelas para ajudar leitores com origens diversas a encontrar os livros da Bíblia com mais rapidez. A primeira apresenta os livros do *Tanakh*, de acordo com a disposição judaica encontrada nas biblias hebraicas, nas traduções judaicas e na própria *BJC*. A segunda lista dispõe dos livros de acordo com o arranjo apresentado na *Septuaginta* e em quase todas as traduções cristãs. A terceira alista todos os livros da Bíblia em ordem alfabética, tanto em português como em hebraico.

Glossário com explicação de pronúncia (p. 1541-1600). Na parte final do livro, existem cinco recursos de ajuda. O primeiro é um glossário de termos e nomes hebraicos e aramaicos usados na *BJC*. A primeira página resume as regras da pronúncia hebraica (a seção 16, anterior a esta seção, trata dela de forma mais detalhada). As definições e explicações variam em tamanho, de uma linha a um parágrafo. Mais informações são oferecidas a respeito dos nomes e dos termos da *B'rit Hadashah* que os encontrados apenas no *Tanakh*; isso acontece pelo fato de essas entradas já fazerem parte do *Novo Testamento Judaico*. Decidi, no entanto, que acrescentar entradas similares para os nomes e os termos do *Tanakh* tornaria o glossário exageradamente grande.

Glossário invertido (p. 1601-1607). Leitores acostumados com a Bíblia em outras versões podem desejar saber como a *BJC* faz a substituição de nomes e termos conhecidos. No Glossário invertido, podem-se procurar termos como “apóstolo” e nomes como “João” e encontrar seus equivalentes na *BJC* (“emissário” e “*Yochanan*”).

Índice das passagens do *Tanakh* citadas na *B'rit Hadashah* (p. 1608-1615). A fim de destacar a ligação entre a *B'rit Hadashah* e o *Tanakh* (sua base), os versículos do *Tanakh* citados na

⁸⁰ V., p. ex., a discussão de *hypo nomon* e *erga nomou*, nas seções 2 e 13.

⁸¹ V. seção 2.

B'rit Hadashah são impressos em **negrito**, e suas fontes são apresentadas em notas de rodapé. Quando as versões cristãs (e algumas judaicas) apresentam numeração diferente, elas são fornecidas logo em seguida, entre parênteses: *Yo'el* [Jl] 3.1-5(2.28-32), *Tehillim* [Sl] 69.9(8).

O índice de passagens do *Tanakh* citadas na *B'rit Hadashah* lista os 484 versículos do *Tanakh* citados na *B'rit Hadashah* e mostra todos os versículos da *B'rit Hadashah* que citam versículos do *Tanakh*.

Leituras bíblicas para festas e jejuns (p. 1616-1618). Como foi explicado na seção 15, essa tabela abrange as leituras da *Torah*, dos Profetas e da *B'rit Hadashah* para as festas judaicas e os jejuns do ano todo do calendário judaico.

Mapas e índices dos mapas (p. 1619-1630). As narrativas bíblicas estão ligadas a pontos geográficos específicos, mas encontra-se além do escopo da *BJC* prover informações geográficas mais amplas. Confira na página 1616 os detalhes dos cinco mapas e dos dois índices.

18. Agradecimentos

Minha mulher, Martha, foi de inestimável valor na preparação desta versão. Além de seu encorajamento e sacrifício pessoal (em amplo sentido), ela conferiu comigo o segundo manuscrito do *Tanakh*, palavra por palavra, enquanto eu o lia em voz alta na tela do computador. Dez anos antes, ela havia procedido de forma semelhante ao ler o *Novo Testamento Judaico* comigo. Ela é, verdadeiramente, uma *eshet-chayil* (“mulher capaz”, *Mishlei* [Pv] 31.10-31) e uma *'ezer k'negdi* (“companhia adequada para ajudar-me”, *B'reshit* [Gn] 2.18).

Barry e Steffi Rubin são nossos amigos há mais de vinte anos. Barry, diretor da Lederer/Messianic Jewish Communications, também gerencia a Jewish New Testament Publications. Steffi, uma artista de gosto refinado, digitou integralmente o texto da *Bíblia Judaica Completa*.

Paul Ellingworth, consultor de tradução das Sociedades Bíblicas Unidas, passou três semanas comigo, revisando a primeira versão do *Novo Testamento Judaico*. Seus conselhos melhoraram minha tradução e lhe sou grato por isso.

Muitas outras pessoas contribuíram de diversas maneiras para o aprimoramento desta versão; a elas, eu também agradeço.

Por fim, dou graças a Deus, o Deus de Avraham, Yitzchak e Ya'akov, e a seu Messias, Yeshua, Salvador e Senhor meu e do povo judeu. *Barukh atah ADONAI eloheinu, melekh ha' olam, shehecheyanu v'kimanu v'higianu lazman hazeh!* (“Bendito sejas, ADONAI, nosso Deus, Rei do Universo, que nos mantiveste vivos, preservaste-nos e nos fizeste chegar a este momento!”.)

Que Deus abençoe vocês ricamente à medida que lerem sua Palavra nesta versão.

